

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



BRASILGUAIOS OU URUGUALEÑOS:
PEDAGOGIA CULTURAL NA FRONTEIRA TRADUZIDA EM IMAGENS
E PALAVRAS

SILVIA MOLINARI DE DALESSANDRO

Dra. LODENIR BECKER KARNOPP

Canoas, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



BRASILGUAIOS OU URUGUALEÑOS: PEDAGOGIA CULTURAL NA FRONTEIRA TRADUZIDA EM IMAGENS E PALAVRAS

SILVIA MOLINARI DE DALESSANDRO

Dra. LODENIR BECKER KARNOPP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Educação da Universidade Luterana
do Brasil para obtenção do título de MESTRE em
Educação.

Canoas, 2007

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Margarita e Dante, a minha matriz platina;
aos meus filhos, Sabrina e Gustavo, a minha versão em
português;

À memória de Ondina, a minha híbrida amiga fronteira.

AGRADECIMENTOS

Sem a prestimosa colaboração de muitas pessoas, não teria sido possível a realização deste trabalho. Por isso, agradeço de maneira muito especial:

À Lodenir, o meu esteio, a mestra que conjugou pacientemente, durante dois anos, os verbos orientar, incentivar e acolher com competência, dedicação e carinho;

Aos profissionais-amigos Oscar e Raúl, pelas dicas de criatividade gráfica;

Ao Hamilton, Vera, Mirna e Enrique, pela atenção e tempo dispensados;

À Rosa, Eliana e Fernanda pelas inúmeras parcerias;

Aos professores e colegas do PPGEDU 2005, pelos momentos de crescimento e confraternização.

Disneylândia

Titãs

**Filho de imigrantes russos casado na Argentina
Com uma pintora judia,
Casou-se pela segunda vez
Com uma princesa africana no México**

**Música hindu contrabandeada por ciganos poloneses faz sucesso no interior da Bolívia, zebras africanas e cangurus australianos no zoológico de Londres.
Múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York**

**Lanternas japonesas e chicletes americanos
Nos bazares coreanos de São Paulo.
Imagens de um vulcão nas Filipinas
Passam na rede de televisão em Moçambique**

**Armênios naturalizados no Chile
Procuram familiares na Etiópia,
Casas pré-fabricadas canadenses
Feitas com madeira colombiana
Multinacionais japonesas
Instalam empresas em Hong-Kong
E produzem com matéria prima brasileira
Para competir no mercado americano**

**Literatura grega adaptada
Para crianças chinesas da comunidade europeia.
Relógios suíços falsificados no Paraguai
Vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles.
Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe
Na baixada fluminense**

**Filmes italianos dublados em inglês
Com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia
Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné**

**Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na África do Sul.
Pizza italiana alimenta italianos na Itália**

**Crianças iraquianas fugidas da guerra não obtêm visto no consulado americano do Egito
Para entrarem na Disneylândia.**

(Disponível em: <[http](http://www.titas.cadernodemusica.com.br)>// www.titas.cadernodemusica.com.br)

RESUMO

Habitar comunidades em espaços geográficos limítrofes entre dois países, sem obstáculos físicos, equivale a vivenciar relações que vinculam as pessoas de um lado e do outro da fronteira. Essas pessoas convivem com valores nacionais dos dois países fronteiriços que se desdobram na prática do bilingüismo, em alianças sócio-econômicas, culturais e afetivas.

É para a identidade cultural na fronteira Brasil-Uruguai que direciono o meu olhar, investigando os discursos que circulam nesse espaço e que, ao atuarem como uma pedagogia cultural sustentam ou fragmentam identidades fronteiriças.

Os dados coletados mediante fotos, questionários virtuais, entrevistas e análise de materiais impressos possibilitaram a compreensão da dinâmica dos múltiplos intercâmbios que surgem nas relações fronteiriças, assim como, das ambigüidades/ descontinuidades dessa relação. Os fronteiriços, ao mesmo tempo em que convivem com a presença do outro, do “estrangeiro”, também adquirem certos poderes como o bilingüismo, o voto binacional, a dupla cidadania e a livre circulação nos dois territórios.

Palavras-chave:

Identidade cultural - hibridismo - discurso - fronteira

RESUMEN

Habitar comunidades en espacios geográficos limítrofes entre dos países, sin obstáculos físicos, equivale a vivenciar relaciones que vinculan a las personas de un lado y del otro de la frontera. Esas personas conviven con valores nacionales de los dos países fronterizos que se desdoblán en la práctica del bilingüismo, en alianzas socio-económicas, culturales y afectivas.

Es para la identidad cultural en la frontera Brasil-Uruguay que dirijo mi mirada, investigando los discursos que circulan en ese espacio y que, al actuar como una pedagogía cultural, sustentan o fragmentan identidades fronterizas.

Los datos colectados mediante fotos, cuestionarios virtuales, entrevistas y análisis de materiales impresos, posibilitaron la comprensión de la dinámica de los múltiples intercambios que surgen en las relaciones fronterizas, así como, de las ambigüedades/ discontinuidades de esa relación. Los fronterizos, al mismo tiempo que conviven con la presencia del otro, del “extranjero” también adquieren ciertos poderes como el bilingüismo, el voto binacional, la doble ciudadanía y la libre circulación en los dos territorios.

Palabras-clave:

Identidad cultural - hibridismo - discurso - frontera

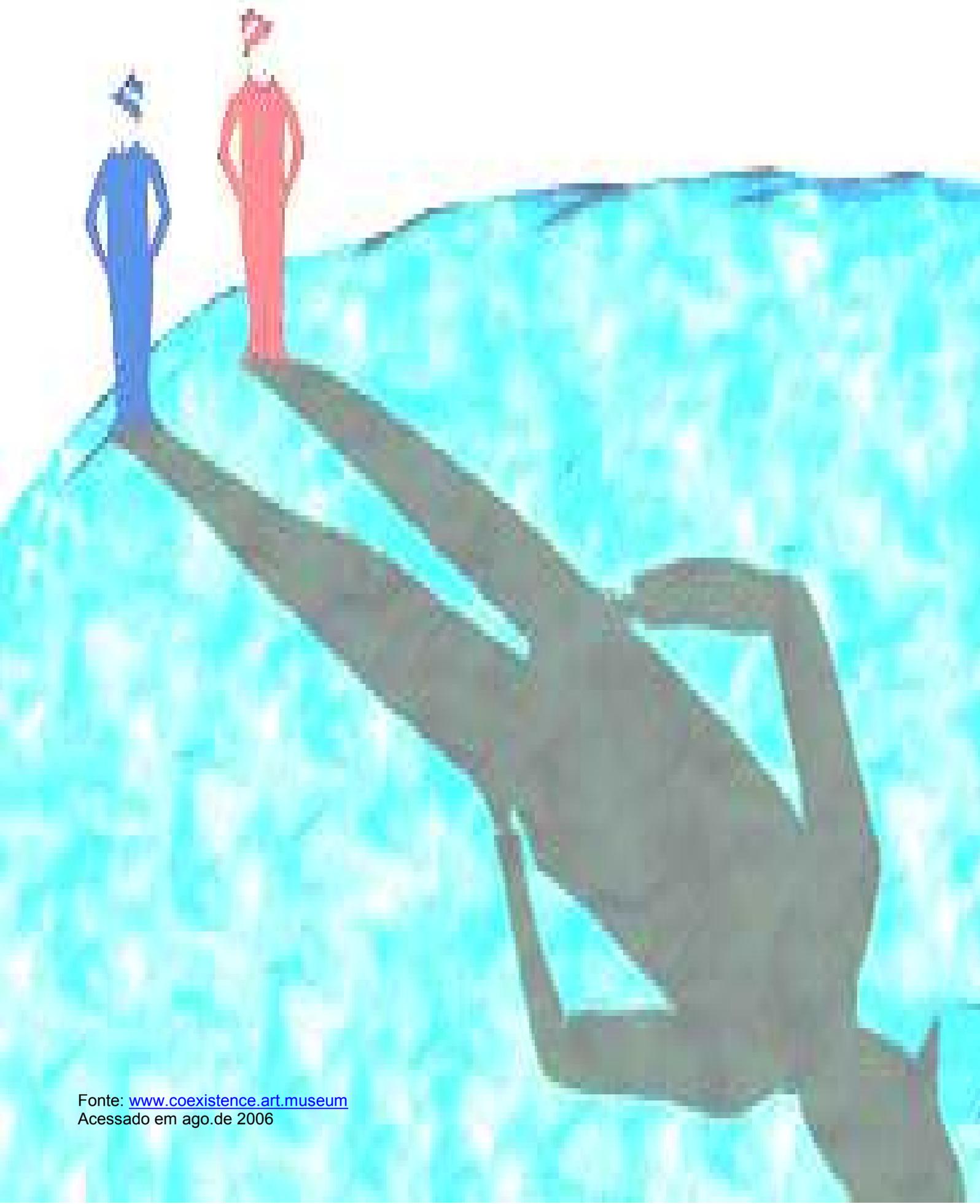
LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estabelecimento bancário.....	33
Figura 2: Vende-se gelo/hielo	34
Figura 3: Blusão de lã?	35
Figura 4: Neutral Dutty Free Shop	36
Figura 5: No encarte: Presente/Regalo.....	36
Figura 6: Comestíveis nas duas moedas	37
Figura 7: Comidas nas duas línguas.....	37
Figura 8: A carteira uruguaia de Héctor	49
Figura 9: A carteira brasileira de Héctor.....	50
Figura 10: Na folia do carnaval	51
Figura 11: As comemorações cívicas	52
Figura 12: No dia da Criança	53
Figura 13: Convite para a festa junina	54
Figura 14: Vendas por atacado e varejo	66
Figura 15: O trailer bilíngüe.....	67
Figura 16: La chivitería.....	67
Figura 17: Na padaria “La reina”	68
Figura 18: Lado a lado na farmácia	68
Figura 19: Cajeira ou <i>cajera</i> ?	69
Figura 20: Anunciando no jornal local	70
Figura 21: No meio das notícias	71
Figura 22: No jornalzinho local.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
UMA QUESTÃO INEVITÁVEL: SITUANDO A PESQUISA	11
UMA QUESTÃO PESSOAL: SITUANDO A PESQUISADORA	15
UMA QUESTÃO REFERENCIAL: GARIMPANDO	18
1 SOBRE LÍNGUA E BILINGÜISMO	24
1.1 AFINAL, O QUE É LÍNGUA? UMA ABORDAGEM ALÉM DO CÓDIGO	24
1.2 TECENDO DISCURSOS	28
1.3 <i>UNA COCA-CUELA Y UN PERRO CALIENTE</i> , POR FAVOR!	29
1.4 ANÁLISE DOS MATERIAIS: PRIMEIRA PARTE	32
2 OS VAIVÉNS DA FRONTEIRA	40
2.1 YO VERSUS EU / YO & EU	42
2.2 DO OUTRO LADO DA RUA	46
2.3 ANÁLISE DOS MATERIAIS: SEGUNDA PARTE	48
3 ENROLANDO AS LÍNGUAS	56
3.1 MEU CAMINHO INVESTIGATIVO	56
3.2 O QUE DIZEM AS PALAVRAS E AS IMAGENS	56
3.2.1 Lendo imagens	65
3.2.2 Análise das imagens políglotas	65
3.2.3 Navegando pelos jornais locais	69
4 AMARRANDO AS PONTAS	73
4.1 SER OU NÃO SER FRONTEIRIÇO	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
ANEXOS	81
ANEXO A - MODELO DE QUESTIONÁRIO (LÍNGUA PORTUGUESA)	82
ANEXO B - MODELO DE QUESTIONÁRIO (LÍNGUA ESPANHOLA)	83
ANEXO C - QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS	85
ANEXO D - ENTREVISTADO MASCULINO (<i>EM</i>)	89
ANEXO E - ENTREVISTADA FEMININA (<i>EF</i>)	92
ANEXO F - AUTORIZAÇÃO DOS PAIS DE HÉCTOR MUÑOZ MANZONI	94
ANEXO G - REGISTROS FOTOGRÁFICOS	96
ANEXO H - ENCARTES DE PROPAGANDAS COMERCIAIS	105
ANEXO I - DECRETO N° 5.105 DE 14 DE JUNHO DE 2004	108

INTRODUÇÃO



UMA QUESTÃO INEVITÁVEL: SITUANDO A PESQUISA

Os habitantes dos países que têm fronteiras geográficas secas vivenciam situações muito peculiares, considerando o ponto de vista do contato lingüístico e cultural. As duas comunidades limítrofes, ao mesmo tempo em que estão divididas por uma fronteira real, que é a delimitação terrestre, unem-se por laços lingüísticos, culturais, afetivos, comerciais, étnicos e vão construindo, assim, novas identidades. Há uma mescla na formação histórica, geográfica, dos costumes, das literaturas e dos idiomas. É desse encontro que se estabelecem relações convergentes e divergentes das culturas envolvidas, quando os países em questão falam línguas diferentes, mas manifestam um hibridismo lingüístico. Essas pessoas, no entanto, são caracterizadas como bilíngües, ou seja, falantes de mais de uma língua. Nessa perspectiva, pretendo investigar os discursos que sustentam ou fragmentam o hibridismo das línguas e das culturas em algumas comunidades fronteiriças entre Brasil e Uruguai, mais especificamente, nas regiões das cidades uruguaias Chuy e Rivera que dividem suas fronteiras com as cidades brasileiras do Chuí e Santana do Livramento, respectivamente. Escolhi essas duas comunidades por elas serem cidades limítrofes sem nenhum obstáculo geográfico que as separe, pois apenas uma rua representa, simbolicamente, a linha divisória entre os dois países.

É para a identidade cultural dessas comunidades que direcionei meu olhar, mais especificamente, para os dizeres dessas pessoas, suas manifestações faladas e escritas. Nesse sentido, meu problema de pesquisa foi assim constituído: Quais os discursos que circulam na fronteira e que, atuando como uma pedagogia cultural, sustentam ou fragmentam identidades fronteiriças?

Albuquerque Jr. nos ajuda a pensar a questão da fronteira, ao tematizar a invenção do Nordeste e afirmar que: “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la como uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza” (1999 p. 23). Além disso:

Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos Nordeste. É o apagamento desta multiplicidade, no entanto, que permitiu se pensar esta unidade imagético-discursiva. Por isso, o que me interessa aqui não é este Nordeste “real”, ou questionar a correspondência entre representação e realidade, mas, sim, a produção dessa constelação de regularidades práticas e discursivas que instituem, faz ver e possibilita dizer esta região até hoje. Na produção discursiva sobre o Nordeste, este é menos um lugar que um *topos*, um conjunto de referências, uma coleção de características, um arquivo de imagens e textos. Ele parece ser uma citação, ter origem no fragmento de um texto, um extrato de imaginação anterior, uma imagem que sempre se repete. Nordeste, um feixe de recorrências. (ALBUQUERQUE Jr. 2001, p. 140).

Tomando o discurso nas comunidades fronteiriças como objeto empírico desta pesquisa, faz-se necessária uma discussão sobre a linguagem enquanto prática discursiva, ou seja, sobre a linguagem como discurso capaz de potencialmente articular os aspectos lingüísticos, históricos, sociais e culturais. Com o objetivo de pesquisar mais profundamente a construção desse(s) discurso(s) nas comunidades fronteiriças, o material analisado é da ordem visual, escrita e falada. Nessa perspectiva, a opção pela Análise de Discurso deve-se à sua apreensão teórica não apenas dos processos verbais, mas principalmente dos sociais, históricos, políticos e ideológicos em que discursos estão fundamentados. Conforme Fairclough:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (2001 p. 91).

Nesse sentido, entendo que os discursos posicionam as pessoas de diferentes modos e são constituidores de identidades e não apenas reflexos de entidades e relações sociais. Cabe destacar que “texto”, utilizado nesta dissertação, será considerado aqui como uma dimensão do discurso, já que atualmente não se entendem como texto apenas as representações escritas, como também o são as vestimentas, os anúncios, os esportes, os comportamentos sociais. Ainda segundo Fairclough, se considerarmos a relação entre o significado potencial de um texto e sua interpretação:

Os textos são feitos de formas às quais a prática discursiva passada, condensada em convenções, dota de significado potencial. O significado potencial de uma forma é geralmente heterogêneo, um complexo de significados diversos, sobrepostos e algumas vezes contraditórios, de forma que os textos são em geral altamente ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações (2001 p. 103).

Considerando a importância que os discursos apresentam nas análises culturais, relacionamos, na presente pesquisa, a discursividade com a pedagogia cultural. Conforme Silva (2003, p.139), *sob a ótica dos Estudos Culturais, todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação é cultural*. A Pedagogia estuda a escola; os Estudos Culturais estudam a cultura, a interseção entre os dois é a Pedagogia Cultural. Esse enfoque permite entender as questões da educação como culturais e as questões culturais como educativas, ou seja, todas as instâncias culturais têm implícita uma pedagogia, uma vez que todas elas de alguma maneira ensinam alguma coisa para alguém. Ambas se envolvem em processos de formação de identidades, determinam comportamentos e cooperam com as questões identitárias, seja de maneira formal ou informal, voluntária ou involuntariamente. Logo, elas contribuem para a emissão de pareceres, opiniões, determinação de comportamentos, adoção de posturas pessoais e sociais. As identidades são socialmente construídas, assim, é através do apelo das imagens, dos códigos e dos discursos que nos circundam que processamos essa construção. Hoje, o cenário cultural caracteriza-se pela imensa quantidade de apelos visuais e sonoros traduzidos em diferentes formas de conhecimento que cumprem um papel importante nos processos identitários. Esse conhecimento “informal” da cultura, do cotidiano, divide o cenário com o conhecimento formal dos bancos escolares. Conforme Silva: “a teoria curricular crítica vê tanto a indústria cultural quanto o currículo propriamente escolar como artefatos culturais – sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder” (2003, p. 142).

Neste estudo, talvez o desafio pedagógico esteja na maneira como os discursos usados nas zonas de fronteira, funcionam para incluir ou excluir as pessoas que participam daquela realidade, para integrar ou marginalizar as diferentes culturas que ali convivem, para construir ou fragmentar as identidades que aí são processadas. Para tanto, esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, na qual os instrumentos de coleta dos dados tinham a intenção de

apreender o contexto de fronteira e suas variantes lingüísticas e culturais. O corpus da análise da pesquisa foi composto a partir de depoimentos de pessoas que nasceram e vivem em região fronteiriça, registros fotográficos e materiais impressos/virtuais.

Nos depoimentos que foram colhidos por meio de questionários, aplicados via Internet, as pessoas que os responderam são chamadas de *entrevistados*. As siglas EM (entrevistado masculino) e EF (entrevistada feminina) designam, respectivamente, as duas pessoas que responderam as entrevistas pessoalmente. Ao circular pelas cidades de fronteira, conversei com algumas pessoas que moravam naquelas localidades. Assim, foi possível obter informações que colaboraram na análise dos dados. Essas pessoas que responderam de forma espontânea, em situações de informalidade, são denominadas de *colaboradores*.

As fotos foram registradas no período compreendido entre os meses de janeiro a outubro de 2006, nas cidades fronteiriças de Chuí e Chuy, num total de vinte e quatro. Nelas foram flagrados anúncios, vitrines comerciais de diversos estabelecimentos (farmácias, restaurantes, trailer de alimentos, supermercados, lojas de confecções e de sapatos).

O material impresso e virtual foi composto por:

- a) várias propagandas coletadas nas ruas e no comércio local;
- b) cinco encartes publicitários de um *free shop* da cidade uruguaia do Chuy;
- c) jornal *online* “A Platéia” da cidade de Santana de Livramento;
- d) textos da revista eletrônica *www.derivera.com.uy* oriunda da cidade de Rivera;
- e) um exemplar impresso do jornal *Liberal* do município do Chuí, que circula semanalmente, sendo o único veículo de informação produzido na região (os outros que circulam provêm dos grandes centros urbanos como Montevideú e Porto Alegre).

A intenção foi reunir, através de depoimentos, registros fotográficos e materiais impressos/virtuais, evidências que colaborassem para a análise da pedagogia cultural e da identidade fronteiriça.

Com relação aos questionários, foram enviados oito, sendo quatro para uruguaios e quatro para brasileiros. Deste total, voltaram, para a investigadora, quatro questionários respondidos apenas pelos uruguaios.

O material empírico coletado forneceu subsídios para a análise dos discursos que circulam na fronteira. Tal material permitiu o entendimento dessas produções culturais como pedagógicas, no sentido de que, de alguma maneira, os textos e as imagens ensinam e constituem identidades fronteiriças.

UMA QUESTÃO PESSOAL: SITUANDO A PESQUISADORA

A motivação inicial, para a realização desta pesquisa, advém do fato de eu ser uma falante nativa da Língua Espanhola que, voluntariamente, buscou inserir-se na cultura gaúcha, e para isso, precisou construir alguns conceitos e reconstruir outros. Além disso, entendo que o intercâmbio, em situações fronteiriças, pode proporcionar análises profícuas na área dos Estudos Culturais em Educação.

Os anos finais do século XX têm trazido mudanças importantes no contexto mundial: somos espectadores de alterações profundas nas relações econômicas e sociais do planeta. A abertura das economias dos diversos países aos mercados globais e aos processos de integração nacional trouxe uma avalanche de modificações aos contextos locais. Assistimos a verdadeiras invasões culturais, o que vêm fragmentando os cenários culturais que, até então, tínhamos como sólidos, relacionados com sexualidade, etnia, língua, classe e gênero. Com isso, o conceito de identidade cultural também vem sofrendo modificações.

Nesse sentido, tinha-se, até há pouco tempo atrás, a noção de que o que acontecia dentro das fronteiras geográficas dos países era o que conformava os indivíduos e que a identidade era esboçada a partir do coletivo. A idéia de identidade nacional vinha acompanhada do conceito de unificação e, nesse sentido, havia uma intencionalidade de agrupar as pessoas como se pertencessem a uma grande “família”.

As mudanças culturais são evidentes uma vez que as fronteiras geográficas abrem-se, dilatam-se e as culturas interceptam-se e interpenetram-se: a identidade é multilingüe, multi-étnica e migrante, resultado de muitas identidades, entendendo identidade pessoal como uma construção individual semelhante a um quebra-cabeça, onde “a tarefa do construtor da identidade é a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão...” (BAUMAN 2003, p.55).

Para ilustrar a discussão da identidade cultural em regiões de fronteira, descrevo um fato da minha infância, vivida na cidade natal de Montevideu, no

Uruguai, onde convivi com uma amiga “fronteiraça” nascida e criada na cidade de Melo, no departamento de *Treinta y Tres* que faz divisa com o Brasil através da cidade de Rio Branco¹. Ela sempre relatava que, ao ser alfabetizada numa escola (*escuela de la campaña*), no interior desse departamento, dividia os bancos escolares com crianças uruguaias e brasileiras. Dos vários relatos, um deles me marcou muito. Ríamos bastante quando ela contava que, em certa ocasião quando estava sendo alfabetizada (já com nove ou dez anos de idade), enquanto a professora ensinava como separar sílabas e soletrar as palavras, aconteceu o seguinte episódio:

A palavra escolhida para ser soletrada era *PERRO* (na Língua Portuguesa significa cachorro); a professora falava bem alto e as crianças repetiam várias vezes “*P [p] mais E [e] é PE [pe] !!*” e continuava “*RR [r] mais O [o] é RRO !!*”² Depois de inúmeras repetições, a mestra solicitava à platéia para juntar as letras, e aí o coro infantil gritava: “CACHORRO!”. Se levamos em consideração que os dois substantivos têm o mesmo significado, o episódio passa de curioso para cômico, mas muito comum naquela zona fronteiraça.

Foi também em minha infância que comecei a ter contato com a Língua Portuguesa, já que cursei as Séries Iniciais e o Ensino Fundamental em uma escola pública na cidade de Montevidéu, cujo nome era *Escuela Brasil/ Barón de Rio Branco*. Uma das atividades curriculares oferecidas era a aula de música e canto, ministrada por dois professores, um uruguaio e o outro brasileiro. Na época, repetíamos automaticamente as letras do Hino Nacional do Brasil e de outras canções infantis.

O contato não era restrito apenas à língua, já que como uruguaios participávamos também das comemorações das datas nacionais do país vizinho. Nessas datas festivas, tínhamos contato com produtos tipicamente brasileiros (branquinhos, negrinhos, goiabada e guaraná), que eram totalmente desconhecidos para as crianças que não faziam parte do universo da minha escola e que, até o dia de hoje, inexistem na cultura uruguaia.

Com o passar do tempo e trilhando outros caminhos, mudei-me para Porto Alegre e, desde o ano de 1974, o Brasil tem sido meu país adotivo. Aqui residindo, novos horizontes, novos desafios: um deles foi aprender a entender e usar a Língua

¹ O Uruguai é dividido geopoliticamente em Departamentos.

² Levando em consideração que as consoantes duplas na Língua Espanhola não se separam.

Portuguesa não mais reproduzindo sons com fazia nas aulas de canto; o outro desafio foi continuar os estudos universitários que eu havia iniciado em Montevideú, mas que o golpe de Estado e a ditadura militar interromperam com o fechamento temporário das universidades.

Nesse processo, com o objetivo de conhecer e usar a Língua Portuguesa e dar continuidade aos meus estudos universitários encontrei inúmeros obstáculos, entre eles, a tentativa de pertencer à cultura brasileira que se manifesta cotidianamente e a partir da qual foi possível incorporar um olhar híbrido.

“Pertencer” a uma única nacionalidade, falar a língua “oficial” do país de nascimento, garantindo assim a identificação com a tradição, religião e cultura uruguaia, foi regra na minha vida até os meus dezenove anos, momento em que fiz a opção (sem muita premeditação) de atravessar a fronteira e morar no Brasil. Hoje, passadas três décadas, debatem-se ainda meus “pertencimentos”: tenho a permanente sensação de fragmentação de identidade. Said faz referência a esse sentimento, pelo fato de ser árabe de nascimento, mas ter sido criado em solo norte-americano: “Desde minhas mais remotas lembranças, sentia que pertencia aos dois mundos, sem ser totalmente *de um* ou *de outro*” (1995 p. 29). Stuart Hall, nascido na Jamaica, opôs-se ao modelo social inglês que predominava no seu país de nascimento. Foi morar na Inglaterra, onde desenvolveu uma “nova” identidade cultural e, a partir dessa experiência, o autor aborda a questão da identidade cultural como um posicionamento não fixo, assumido pelo indivíduo. Uma identidade, resultante de formações históricas específicas e vividas com todas as suas peculiaridades.

À medida que fui fazendo leituras específicas no curso de Mestrado em Educação e tendo contato com autores como Stuart Hall, Bauman, Canclini, Fairclough, Foucault, Burke, Bhabha, Anderson entre outros, diversas situações que marcaram minha trajetória de vida foram emergindo em minha memória, fazendo com que esse tema fosse visto como relevante para uma pesquisa. Convivo com a ambigüidade que a dupla nacionalidade me confere, negociando permanentemente os sentimentos que me fazem pertencente a dois mundos, a dois grupos, a duas realidades. Então, a partir dessa experiência de múltiplos pertencimentos culturais, estendo meu olhar para as comunidades que vivem “frente a frente”, geograficamente falando, sem obstáculos físicos que impeçam ou entorpeçam os encontros e desencontros entre as pessoas e suas múltiplas identidades.

UMA QUESTÃO REFERENCIAL: GARIMPANDO...

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados (DUARTE, 2002).³

O primeiro passo para aprofundar minha investigação foi pesquisar o que outros estudiosos já têm publicado a respeito desse tema. Assim, na internet fiz pesquisa no *site* do CNPq, na página Grupos de Pesquisa do Brasil. Visitei as páginas de departamentos e programas de pós-graduação de *sites* de universidades, assim como o Banco de Teses, disponibilizado pelo Universia (www.universia.com.br). No Portal Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), foi possível localizar publicações nas principais revistas na área de Educação. Por fim, fiz uma revisão nas dissertações e teses disponíveis no portal da Capes, utilizando os termos “identidade”, “identidade cultural” e “fronteira”. Localizei mais de mil e quinhentos trabalhos que abordam o estudo da identidade e das fronteiras, sob diferentes enfoques. Os estudos foram realizados nas áreas de Comunicação Social, Geografia, Antropologia, Linguística, Ciências Sociais e Políticas, bem como, de Educação. A partir da leitura do resumo de alguns estudos, selecionei textos dessas diferentes áreas para ler e articular com a presente pesquisa.

Na área de Antropologia, um dos trabalhos disponíveis trata da articulação entre os limites culturais e os político-jurídicos de duas cidades fronteiriças entre Uruguai e Brasil – Rivera e Santana do Livramento, respectivamente. A autora, Sanchez (2002), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estuda os limites políticos entre os dois estados, como também os limites culturais e simbólicos, analisando a convivência dessas pessoas, nas suas relações individuais, sociais, lingüísticas e comerciais. Nesse estudo, que aborda os conceitos de *fronteira*, *identidade* e “*portunhol*”, encontrei pontos que se afinam com o meu interesse,

³ DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Scielo Brazil. Cadernos de Pesquisa nº. 115 São Paulo, Mar. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe>. Acesso em set. de 2006.

analisados pela pesquisadora de maneira exaustiva, como por exemplo, a legislação referente ao registro de nascimentos e casamentos de um e de outro lado da fronteira e suas implicações legais. A(s) língua(s) falada(s) nessa região fronteiriça, também merece a atenção da autora que, de modo semelhante aos meus objetivos, aventura-se no terreno do bilingüismo para melhor compreender a existência de uma manifestação lingüística: o *portunhol*, que junto com o português e o espanhol divide o cenário lingüístico dessa região.

Essa autora destaca a intencionalidade de uruguaios falarem português e de brasileiros falarem espanhol, bem como os conflitos lingüísticos que surgem nessas tentativas, assinalando uma espécie de disputa ou competência entre os atores fronteiriços e um conseqüente desprestígio do *portunhol*. Ao mesmo tempo, a autora constata que o *portunhol* é tratado como uma “língua” afetiva, íntima e necessária, defendida por alguns como *própria* e que, como tal, merece respeito e reconhecimento.

A tese de doutorado de Grimson (2002), da Universidade de Brasília, analisa a sociogênese da fronteira entre as cidades de *Paso de los Libres*, na Argentina, e Uruguiana, no Brasil, como também a atual situação sócio-cultural de ambas, apresentando uma visão histórica e concentrando estudos nas práticas trans-fronteiriças que têm a ver com relações comerciais e redes políticas. Esse autor conclui que a fronteira é quotidianamente produzida, recriada e reproduzida por diferentes agentes sociais que intervêm nesse espaço: os contrabandistas-formiga, as organizações de comerciantes, os governos locais ou regionais e as instituições nacionais.

Os trabalhos que analisam situações de fronteiras incluem abordagens tríplices, ou seja, entre Uruguai, Argentina e Brasil. Ortiz (2004), investigador da Universidade de Brasília, discute a importância conceitual e teórica da noção de fronteira para o estudo que realiza e também analisa situações sócio-espaciais e, no caso específico das três fronteiras, como esse espaço é representado midiaticamente na produção cotidiana do jornalismo fronteiriço. O autor assume que a visão de um espaço geográfico e sócio-cultural está vinculada às maneiras como esse espaço pode ser re-significado midiaticamente. Neste sentido, é possível entender a fronteira como um espaço sócio-cultural geopoliticamente demarcado, considerando os processos históricos e culturais. Outra forma de entender a fronteira é a partir das múltiplas influências da mídia.

A área da geografia também tem se ocupado do assunto, conforme atesta o trabalho de Ferrari (2003) da Universidade Federal de Santa Catarina. A autora analisa os principais conflitos no processo de povoamento na zona da fronteira seca internacional entre Brasil e Argentina, formada pelas cidades geminadas de Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina). Destaca a estruturação socioeconômica e as relações transfronteiriças como redes econômicas e sociais que unem brasileiros e argentinos.

Ao estudar as relações de fronteira entre brasileiros e paraguaios, Santa Bárbara (2001) da Universidade Federal Fluminense, procura analisar o papel de reconstrução de identidades sociais no re-ordenamento territorial provocado pela dinâmica de imigração brasileira no Paraguai, tendo como constatação o fato de que os imigrantes brasileiros usam mais a Língua Portuguesa do que as línguas locais, que são o espanhol e o guarani. As localidades pesquisadas são os municípios de San Alberto (no Alto Paraná) e La Paloma (em Canindeyú), onde foram feitas entrevistas abertas e estruturadas com agentes de diferentes segmentos que compõem a população local. Além de analisar a dimensão identitária e sócio-territorial, a pesquisa buscou fazer um levantamento da situação vivida pelos imigrantes brasileiros em terras paraguaias.

As ciências sociais também têm estudado fenômenos fronteiriços à luz da política. Esse é o caso da dissertação de mestrado de Pinto (2004), da Universidade de Brasília, que fez um estudo comparativo entre o Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil e a Frente Ampla (FA) do Uruguai, procurando identificar os mecanismos de colaboração eleitoral e administrativa existente entre ambos. O autor constatou, usando entrevistas com moradores da zona fronteiriça, que a colaboração mútua entre os dois partidos citados de fato existe e que a mesma é contínua em situação de fronteira. Ou seja, independente dos processos de campanhas eleitorais dos dois países, que acontecem em datas desencontradas, é intensa a movimentação dos dois lados da fronteira para dar apoio ao partido coirmão. A região estudada pelo autor é a fronteira seca entre Brasil e Uruguai, delimitada pelas cidades de Santana do Livramento e Rivera, respectivamente.

Há, ainda, estudos fronteiriços que são impulsionados pelas temáticas das ciências da comunicação, como é o caso de Müller (2003) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que estuda a comunicação na fronteira. Analisa os jornais locais como fonte de informação e como portadores de um papel preponderante na

definição, preservação e divulgação do “fenômeno fronteira”, que influencia os fazeres e dizeres do habitante local. As cidades escolhidas para levar adiante o estudo são Uruguaiana e Paso de los Libres (Brasil - Argentina), onde os artefatos selecionados foram *O Jornal de Uruguaiana* e *El Interior*. Na divisa entre Brasil e Uruguai, novamente aparecem as cidades de Rivera e Santana do Livramento, sendo seus representantes os jornais *O Norte* e *A Platéia*⁴, respectivamente.

Quando o assunto é educação, as abordagens dadas aos estudos de fronteira passam pela análise e discussão da identidade individual e nacional, da diversidade de representações e pela identificação de estratégias adotadas pelas famílias na educação dos filhos no lar e fora dele. Pereira (2002), em sua tese de doutorado realizada na Universidade de São Paulo, estudou o processo de identificação étnico e nacional da segunda geração de migrantes de diferentes etnias na região fronteira de Ponta Porá, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Os dados coletados, através de entrevistas semi-estruturadas e de questionários, demonstram que nas intrincadas relações do contexto fronteiriço, os sujeitos migrantes agregam novos elementos nos processos de reposição, (re) elaboração e /ou alteração dos sentidos existentes de suas identidades. Todavia, balizados pela referência familiar, ou seja, pelos pais migrantes, estreitam-se relações com a sociedade brasileira e o seu território, o que colabora na identificação dos filhos com o "nacional brasileiro". Ao mesmo tempo, a autora constata que a organização das escolas étnicas e nacionais está sob a responsabilidade dessas famílias migrantes que pretendem manter, dessa maneira, os vínculos com a origem étnica.

Quando se fala em Rio Grande do Sul, inevitavelmente, faz-se a associação da identidade regional com o *gaúcho* e é este o tema tratado por Guedes de Bem (2004), da Universidade Federal de Pelotas. Esse pesquisador apresenta seus estudos numa tese de doutorado, em que analisa questões de identidade, representação, relações de gênero, no âmbito doméstico e na formação de professoras num Programa oferecido pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP/Bagé), região fronteira entre Uruguai e Brasil. Nesse espaço geográfico específico, o estudo analisou a formação da identidade gauchesca a partir da dominação masculina e a perpetuação do “mito” do gaúcho, analisando as

⁴ O Jornal “A Platéia” é também objeto do meu estudo, por ser o mais antigo e de maior expressão na região.

repercussões desses mitos nas vidas das professoras que fazem parte do programa antes citado. Esse autor verificou que a dominação masculina ainda está muito presente nos territórios de fronteira, principalmente nas áreas rurais. Estudos realizados por Silveira também fazem referência a essa “invenção de identidade”, que é o gauchismo, como sendo:

[...] uma identidade inventada, fabricada com práticas discursivas que remetem a um processo constituidor positivo, glorioso, a rituais festivos, a costumes e práticas que são significados dentro de um esquema simbólico, geralmente como elementos que mantêm e simbolizam uma identidade “que deve ser preservada e seguida”, “ancorada em valores tradicionais” (2000, p. 277).

Estudos na área da lingüística têm focado o bilingüismo em comunidades de fronteira. Assim, entre outros, encontrei a dissertação de mestrado com o título de “Atitudes lingüísticas e identidades na fronteira Brasil-Colômbia” de autoria de Barbosa (2004), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo objetivo foi observar se há tendência a manter, por parte dos moradores, as duas identidades nacionais em região de fronteira política Brasil-Colômbia. A autora constatou que há indícios de diferenças de valores e crenças entre brasileiros e colombianos, a partir do que disseram de suas línguas. As atitudes lingüísticas encontradas denotam que a região mantém imaginários binacionais num contexto onde a idéia de limite político parece estar marcada.

O Brasil faz fronteira com dez países, sendo que sete desses falam espanhol como língua oficial. Não são raros, portanto, os estudos sobre o contato da Língua Portuguesa com a Língua Espanhola. Guidorizzi (2004), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, estudou as línguas em contato (português-espanhol), na fronteira com a Bolívia, identificando especificamente o que pensam os moradores do lado brasileiro sobre o uso do espanhol; quais as implicações deste processo; as possíveis resistências culturais; os motivos que levam as pessoas a fazer uso desta língua (o espanhol) e os contextos nos quais costuma ser usada. Nas suas considerações finais, a autora conclui que a busca de benefícios econômicos determina o uso do “*portunhol*”, uma mistura do português com o espanhol, ou seja, a aproximação dos brasileiros com a língua do país vizinho dá-se em função de interesses econômicos. Outra constatação da pesquisa é que há uma grande resistência dos brasileiros em relação aos bolivianos, fato que se estende à língua.

Todos os estudos mencionados têm alguma relação com o assunto escolhido para minha investigação, especialmente os dois últimos citados. Identidade, cultura, hibridismo, discurso, língua e bilingüismo são as palavras-chave que estão relacionadas com a presente pesquisa. Com isso, articulo a discussão sobre a de/formação das identidades culturais das pessoas que, morando em comunidades fronteiriças, habitam universos binacionais, que têm se mostrado locais ricos e peculiares para se desenvolver estudos culturais.

A presente discussão passa pela língua, que por sua vez perpassa o bilingüismo manifestado no *portunhol*; pela fronteira que é o cenário onde se desenvolvem ações e interações das pessoas envolvidas e, também, pelos artefatos culturais que fazem parte desse cenário e que servem como fonte dos discursos analisados. No capítulo 1, discuto as implicações da língua e do bilingüismo como meios de reflexão identitária. No capítulo 2, o assunto central é a fronteira, lugar de convivência de pessoas que têm diferentes nacionalidades, línguas, costumes e hábitos e onde se evidencia o hibridismo cultural. O capítulo 3 apresenta a análise dos materiais coletados, a leitura dos discursos que permeiam as relações fronteiriças. Por último, no capítulo 4, apresento as considerações finais deste trabalho.

1 SOBRE LÍNGUA E BILINGÜISMO

Na língua, degustamos as idéias que nos foram transmitidas ao longo dos séculos.

Na língua, experimentamos uma e outra vez as intuições poéticas de todos os tempos.

Na língua, alimentamos nossa vontade de nomear e de invocar.

Na língua, sentimos o amargo sabor das mentiras e aprendemos a reconhecê-las em outras ocasiões.

Na língua, beijamos a felicidade, amor impossível e sempre necessário.

Na língua, dizemos verdades e as verdades nos dizem.

Na língua, costuramos os retalhos do conhecimento com que nos vestimos.

Na língua, xingamos e agradecemos, calamos e gritamos, somos redundantes e incisivos, aprendemos e esquecemos, lembramos e divulgamos.

Na língua, nossas mágoas e nossas mágicas, nossos medos e nossos méritos, nossos modos e nossas mímicas, nossos mundos e nossas músicas.

Na língua, respiramos, nos movemos e somos. Nadamos em suas águas, e com elas um dia, depois de um novo mergulho, iremos nos fundir e dissolver, desaparecendo sem dizer palavra.⁵ (PERISSÉ, 2005).

1.1 AFINAL, O QUE É LÍNGUA? UMA ABORDAGEM ALÉM DO CÓDIGO...

“Língua” é um conceito que parece tão simples, tão óbvio e, no entanto, encontra inúmeras definições, tendências e perspectivas por parte dos seus estudiosos.

Os estudos lingüísticos iniciaram com o estruturalismo de inspiração saussuriana (Ferdinand de Saussure, Suíça, 1857-1913) que considerava a língua como uma rede de estruturas, privilegiando as análises morfológica e fonológica. Em seguida, a gramática gerativa (Noam Chomsky, Filadélfia, 1928) revolucionou o foco do estudo da língua, que passou a ser a sintaxe.

No estruturalismo saussuriano, a língua é considerada como uma “instituição social” que existe na medida em que o indivíduo está inserido em um contexto social. Para Chomsky e a teoria gerativa, a língua é estudada do ponto de vista da

⁵ Fragmento da matéria “A língua é nossa” de Gabriel Perissé. Disponível em: <<http://www.correiocidadania.com.br/ed314/cultura.html>>. Acesso em mar.de 2007.

estrutura cerebral, colocando a ênfase na investigação das seguintes questões: “o que constitui o conhecimento da língua? Como é adquirido o conhecimento da língua? Como é usado o conhecimento da língua?”.

Os estudiosos do assunto, identificados com as correntes gerativista ou estruturalista, são unânimes em afirmar que é muito difícil definir “língua”, havendo, assim, uma grande heterogeneidade em torno dos conceitos encontrados. Vários especialistas, reunidos num livro intitulado *Conversas com lingüistas* (XAVIER & CORTEZ, 2003), conceituam a língua de várias maneiras, as quais serão apresentadas nos parágrafos seguintes.

Para Borges Neto, o termo é uma abreviação para falar de idioletos, que são, segundo o autor, manifestações que cada ser humano tem para denominar suas elocuições (a “língua de cada um”):

[...] os idioletos, na medida em que são adquiridos nas relações sociais em que o indivíduo se envolve desde o nascimento - relações com a mãe, pai, irmãos, família, vizinhos, etc - vão apresentar semelhanças maiores ou menores com outros idioletos. O idioleto de dois irmãos, na medida em que as relações são basicamente com as mesmas pessoas, nos mesmos lugares, sobre as mesmas questões, nas mesmas horas de refeição ou coisa parecida, vão ser muito mais parecidos do que os idioletos de indivíduos que não têm as mesmas relações. Então esses idioletos vão apresentar mais ou menos semelhanças com os outros.[...] Não há nada que ordene os idioletos, além das relações sociais (XAVIER; CORTEZ 2003, p.38).

Já Rajagopalan (Ibid. 2003 p.176) define a língua como um abstrato *a posteriori*. Algo que a gente cria e molda na medida em que vai falando, não sendo, portanto, um objeto pronto e acabado. Esse autor acrescenta à definição a conotação política que daria, segundo ele, o verdadeiro sentido à língua.

Abaurre discute o significado de língua a partir da noção de trabalho, no qual ela seria um sistema estruturado instável e mutável, características comuns tanto à língua quanto ao trabalho: “Vejo a língua, portanto, como um sistema estruturado que, por situar-se no âmbito da linguagem, apresenta constante instabilidade e mutabilidade, características de quaisquer atividades do homem, tomado enquanto sujeito historicamente situado” (Ibid. 2003 p.14).

Para Possenti, a língua é: “um sistema, mas um sistema submetido a problemas, a violações do próprio sistema e a uma estreita conexão com o exterior, mas não qualquer uma e não de forma genérica. Ela seleciona do exterior fatores muito peculiares para funcionar” (Ibid. 2003 p. 160).

O autor compartilha do conceito de Maingueneau que diz que as línguas são, simultaneamente, sistemas formais e objetos de inscrição social e subjetiva. Ao mesmo tempo em que a língua se investe de todo um funcionamento considerado pelo autor como sendo muito regrado e simultaneamente violador das regras, conecta o texto com diferentes circunstâncias e daí a sua inscrição social.

Marcuschi define língua como uma atividade que tem uma finalidade cognitiva: dar a entender ou construir um sentido, e não apenas um sistema de comunicação ou forma. Assim, ela é “um domínio público de construção simbólica e interativa do mundo” (XAVIER; CORTEZ 2003, p.132). Nesse sentido é através do desenvolvimento interativo da língua que os indivíduos representam o mundo.

Nas palavras de Koch: “sem sociedade não há língua”, pois na sua concepção:

A língua é um sistema, ela é um conjunto de elementos inter-relacionados em vários níveis, no nível morfológico, no nível fonológico-morfológico, sintático. Mas ela só se realiza enquanto prática social, quer dizer, os seres humanos nas suas práticas sociais usam a língua e a língua só se configura nessas práticas e é constituída nessas práticas (Ibid. 2003 p. 124).

Apesar das diferentes definições, o denominador comum dos entrevistados é o fator social, ou seja, a língua é vista e tratada como um fenômeno que só se realiza enquanto prática social. Saussure, citado por Hall (2003, p. 40), já definia a língua como um sistema social e não individual, que preexiste a nós e do qual o falante, ao usar esse sistema para manifestar pensamentos e sentimentos, ativa uma enorme gama de significados que já estão embutidos na língua e nos sistemas culturais e dos quais o falante não tem domínio absoluto.

Independente de qualquer estudo da língua considero relevante assinalar, para esta pesquisa, que ela não é somente um instrumento para a comunicação de mensagens, mas configura nosso pensamento, nossa sensibilidade, nossa visão de mundo. A língua, de algum modo, cria-nos, conforma-nos e nos define. Neste estudo, abordarei a língua como algo que, além de viabilizar a comunicação entre sujeitos falantes de modalidades diferentes, permite uma reflexão identitária.

Reflexão essa que passa por transformações radicais, pois o indivíduo pós-moderno não mais cultiva o velho lema cunhado no século XIX: “*Uma nação, uma língua, uma cultura*” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25). A concepção de nação era,

então, ligada a um centro comunitário que tinha uma cidade com seu governo, seu povo e sua cultura. Na prática, buscava-se homogeneidade. Naquele lema, entendia-se a nação como o território de nascimento dos indivíduos que compartilhavam uma língua, uma memória histórica, uma religião e um sentimento patriótico que lhes eram próprios. Conforme Oliven:

Nos últimos duzentos anos presenciou-se a formação de estados-nação baseados na idéia de uma comunidade de sentimentos e de interesses que ocupa um território delimitado e cujas fronteiras geográficas e simbólicas precisam ser cuidadosamente preservadas. O estado-nação tende a ser contrário à manutenção de diferenças regionais e culturais, exigindo uma lealdade à idéia do país (1992, p.134).

Hall reforça a idéia de que a importância que era atribuída às comunidades tradicionais quanto à preservação dos limites geográficos e simbólicos foi transferida nas sociedades modernas à cultura nacional. Assim,

Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que delas são construídas (2001 p. 50).

Hall (2001, p.51) em sintonia com Anderson (1993) afirma que a identidade nacional é uma comunidade imaginada. Antropologicamente, o conceito de nação, é assim proposto por Anderson: “uma comunidade política imaginada como inerentemente limitada e soberana” (1993 p.23-tradução nossa). O termo “imaginada” faz referência ao fato de que, em uma nação, por menor que seja, nunca seus membros conseguiriam conhecer-se entre si, mas constroem e auto-alimentam-se da idéia de que vivem em comunhão. Essa comunidade é limitada porque mesmo que os indivíduos não tenham noção do tamanho geográfico da comunidade, eles têm a idéia de finitude. A condição de soberania vem da necessidade humana de agrupar-se livremente sob o reino de Deus, não obedecendo a hierarquias estabelecidas pelos seres humanos. Segundo esse autor, as diferenças entre as nações residem nas diferentes maneiras como elas são imaginadas. Muitas são as narrativas que ajudam a construir a nação. O elenco que a compõe compartilha de sentimentos como pertencimento histórico ancorado nas origens, tradições, continuidade que se perpetua através das gerações, a idéia de

lealdade ao passado e a necessidade de honrar e valorizar a herança “comum”. Nas palavras de Hall: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça. Uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (2001, p. 59).

Nações são formadas por indivíduos que pertencem a diversas classes sociais, grupos étnicos e de gênero e, nesta perspectiva, apresentam inúmeras e profundas diferenças internas, tornando-se impraticável a unificação. Apesar disso, continuam a ser representadas como unificadas, como a “grande família”.

Concentrando a atenção nesse conceito tão arraigado no século XIX de *nacionalidade* estreitamente ligada a uma língua “exclusiva”, percebemos que essa ligação vem sofrendo mudanças gritantes. Atualmente, fala-se em abertura de fronteiras e, conseqüentemente, em interpenetração e contato das línguas, tornando esse conceito tão distante quanto o mundo das identidades “fixas”. Os chamados *franglais* e *espanglish* são situações lingüísticas referentes ao uso do inglês por comunidades onde o inglês não é a língua materna. O *portunhol* é um exemplo mais familiar desse entrecruzamento das línguas no qual os brasileiros falam o português com algumas características lingüísticas e culturais do espanhol. Nas palavras de Rajagopalan: “num mundo que serve de palco para o contato, o intercâmbio sem precedentes entre povos, o multilingüismo adquire novas conotações. O cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilingüe” (2003, p. 69). Acrescenta que “o multilingüismo está se tornando cada vez mais a regra e não a exceção em nosso mundo” (2003 p. 27). Esse autor acredita que essa nova realidade mundial responde, no mínimo, a três causas: o contato crescente entre os povos, as correntes migratórias e a popularização da informática.

1.2 TECENDO DISCURSOS

Quando pensamos como são formadas as dimensões da estrutura social, pensamos em normas, instituições, entidades, relações, identidades... e todas elas são constituídas pelos discursos. Segundo Fairclough: “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem” (2001 p. 22). Portanto, a linguagem é entendida como “uma forma de

prática social e o discurso como uma prática de representação e de significação, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH 2001, p. 91)".

Foucault, para quem o discurso é uma maneira regulada de falar, apontou que é a sociedade quem o produz e o faz sob processos de seleção e controle:

Suponho que em toda sociedade a produção do *discurso* é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (1970, p. 8).

Para esse autor, o discurso envolve necessariamente uma relação de poder. Assim, quando se ensina, também se analisa ou se reproduz uma visão de mundo. Ainda acompanhando o pensamento de Foucault, para quem o sujeito é sempre o resultado de uma prática, é sempre fabricado, não nos tornamos sujeito de dentro para fora, mas a partir dos discursos que dobram nossos corpos.

O meio social é composto por uma rede de discursos. Essa pluridiscursividade que atravessa o social é também responsável pela instauração dos significados possíveis atribuídos às mensagens dos interlocutores, ou seja, é através de convenções sociais que a relação entre significados e significantes organizam-se em códigos culturais. Nada tem significado por si; geram-se os significados a partir das relações entre os signos. Os estruturalistas defendem que o significado é gerado através de regras e convenções que organizam a linguagem. Portanto, se os signos são socialmente motivados, como afirma Fairclough (2001, p.103), é de sua combinação "arbitrária" que se produzem os discursos, apresentados em forma de texto, pelos quais podem ser analisadas questões de forma e de significado. Ao determo-nos no significado, deparamo-nos com as múltiplas interpretações que as pessoas podem dar aos textos. Esses podem ser socialmente interpretados e consumidos de diferentes maneiras. É enorme, portanto, a gama de discursos nas variedades de textos que atravessam o meio social, assim como seus apelos.

1.3 ¡UNA COCA-CUELA Y UN PERRO CALIENTE, POR FAVOR!

As mudanças, que vêm acontecendo de maneira intensa no Planeta com o desenvolvimento acelerado dos processos tecnológicos e com o avanço da Internet, têm promovido transformações profundas em todos os âmbitos das sociedades. Fazem-se sentir as ruidosas repercussões nas práticas e discursos culturais que configuram e articulam as identidades. Hall questiona o lugar da cultura e sua ocorrência na sociedade, analisando as centralidades da cultura, que ele denomina de “substantiva”, que seria o lugar da cultura em termos globais. Analisa também como a indústria cultural tem se expandido por intermédio da tecnologia, que ele chama de virada cultural, e, por fim, se refere às mudanças de atitudes em relação ao modo de encarar a linguagem. Nessa perspectiva - a da virada cultural - o autor estabelece a relação que a cultura mantém com os aspectos políticos e econômicos. Os Estudos Culturais vêm, nas últimas quatro décadas, investindo na discussão e no aprofundamento de temas como a infância, sexualidade, etnia, identidade, linguagem e discurso, ecologia, mídia, escola, cultura popular (em todas suas manifestações), entre outros. Segundo Costa, Silveira e Sommer:

O que os têm caracterizado é serem um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, é buscarem inspiração em diferentes teorias, é romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas (2003 p. 40).

Dessa forma, a cultura não mais é percebida como um acúmulo de saberes e, sim, estudada em todas as suas múltiplas dimensões; não são os artefatos culturais os objetos desses estudos e, sim, o uso que deles fazem os indivíduos, como deles se apropriam, quais os significados que lhes atribuem e como os integram às suas realidades.

Se é através da língua que falamos que, também, construímos identidades, cabe aqui uma reflexão sobre bilingüismo, já que este estudo pretende também focar o encontro entre o espanhol e o português. Segundo Appel & Muysken (1996), o bilingüismo pode ser social ou individual. No que se refere ao individual, esse autor sustenta que a pessoa é bilíngüe quando utiliza duas línguas ou mais, alternadamente. Optando por uma definição sociológica do termo, segue a idéia de que a prática de utilizar duas línguas se denomina bilingüismo e as pessoas implicadas bilíngües. Por outro lado, esse autor sustenta que o bilingüismo social produz-se naquelas sociedades em que se falam duas línguas ou mais. Nesse sentido, quase todas as sociedades são ou podem ser bilíngües, havendo diferenças

quanto ao grau e à forma como essas línguas são usadas. Em algumas comunidades, pode acontecer que as duas línguas sejam dominadas pelas duas populações. Assim como também é possível que cada uma delas mantenha sua língua nativa e alguns indivíduos apenas dominem as duas línguas.

Nos espaços fronteiriços, os cruzamentos de um lugar a outro são constantes, criando-se um ambiente de multiculturalismo e bilingüismo, em que as pessoas dos dois lados usam a língua oficial do país, mas incorporam palavras e expressões da outra língua. Dessa forma, para analisar a situação sociolingüística das comunidades fronteiriças entre Brasil e Uruguai, é importante levar em consideração como está constituído o repertório lingüístico dessas comunidades. De um lado da fronteira, encontramos a população brasileira, falante da Língua Portuguesa, legado da colonização de Portugal. Do outro lado, a população uruguaia, herdeira da Língua Espanhola e com forte influência lusitana no norte do país, resultante dos conflitos gerados pela disputa histórica no reparte das terras colonizadas entre Portugal e Espanha. Tanto a lusitanidade como a espanidade deixaram as suas línguas como marca registrada das suas presenças, e elas, com status de línguas oficiais, convivem historicamente no extremo sul do Brasil ao longo de mais de novecentos quilômetros de fronteiras, compartilhadas com o Uruguai e a Argentina. Vale lembrar que tanto a Língua Espanhola como a Língua Portuguesa tiveram influência de outros sistemas lingüísticos, tendo, portanto, incorporado e ressignificado palavras e expressões de línguas africanas e indígenas.

É na fronteira, do estado do Rio Grande do Sul com os países da bacia do Rio da Prata, onde entra em cena uma terceira “modalidade lingüística”, que é considerada o cruzamento do português com o espanhol. Várias são as denominações que encontramos para esta terceira prática lingüística, que alguns chamam de *portunhol*. Para Sturza: “sendo largamente reconhecido e usado pelos moradores da fronteira e pouco definido como fenômeno de contato lingüístico (2005, p. 5). Outra denominação para a mesma representação é *DPU*s – *Dialetos Portugueses do Uruguai* – assim batizado pelos lingüistas uruguaio Graciela Barrios, Adolfo Elizaincín y Luis E. Behares (1987). Essa peculiaridade local faz com que as pessoas usem suas respectivas línguas oficiais, ao mesmo tempo em que vão incorporando palavras da língua vizinha e, assim, vão construindo essa outra variedade.

Também é divulgada a seguinte definição para o portunhol na Wikipedia, a enciclopédia livre da internet:

O portunhol (também conhecido como *portuñol*) é uma interlíngua (ou *língua de confluência*) originada a partir da mistura de palavras da Língua portuguesa e da espanhola, línguas que têm origem no latim, muito comum em cidades de fronteira entre países de Língua portuguesa espanhola. Devido à semelhança entre a Língua portuguesa e a espanhola, derivada do fato de possuírem como língua materna o latim, é muito comum as pessoas que dominam uma dessas línguas sentirem-se confortáveis para falar a outra, imaginando que basta trocar uma palavra de português para a sua correspondente em espanhol ou vice-versa, sem levar em conta a gramática e a concordância. É importante ressaltar a dificuldade de se classificar o chamado "portunhol" como uma "língua", visto que ele não apresenta uma constância de regras e termos, podendo variar de acordo com cada falante. No caso do espanhol e português, é certamente *uma maneira de se falar*.⁶

É muito comum encontrar pessoas que realmente pensam que falar português implica necessariamente no acréscimo do sufixo *inho/inha* às palavras do espanhol. E a recíproca é verdadeira, ou seja, acrescentando *ito/ita* ao vocabulário português, estariam se expressando na Língua Espanhola. Afinal, para se fazer referência ao diminutivo da palavra *momento* essa lógica funciona bem, pois temos *momentinho* e *momentito* nas duas versões. Tal reducionismo, no entanto, não se aplica ao funcionamento das línguas, sendo um equívoco e uma generalização por parte dos usuários.

1.4 ANÁLISE DOS MATERIAIS: PRIMEIRA PARTE

Para ilustrar os múltiplos usos que são feitos das línguas envolvidas nesses cenários bilíngües, fotografei e pesquisei documentos que tratam do assunto, como revistas, jornais, propagandas e poesias. No diálogo a seguir, que faz parte de uma matéria intitulada *Escuelas de frontera*, realizada pela jornalista Meire Cavalcante, sobre a realidade lingüística das escolas em regiões de fronteira, a jornalista afirma que as duas línguas são usadas de maneira alternada, pelos seus respectivos usuários num mesmo contexto e num mesmo momento, estabelecendo-se, assim, o diálogo:

⁶ Disponível em: <<http://www.wikipedia.com>>. Acesso em jan de 2004.

-Buenos días, profesora.

-Bom dia a todos.

-¿Qué vamos a aprender hoy?

-Hoje vamos estudar a história do país vizinho.

-¡Qué bueno!⁷

Além disso, nas ruas de uma das comunidades de fronteira investigada, foi muito comum ver situações em que as duas línguas são usadas concomitantemente num mesmo espaço, seja para exibir propagandas em vitrines, encartes de supermercado, ou mesmo no comércio em geral.



Figura 1: Estabelecimento Bancário

⁷ *Escuelas de frontera. Onde se trocam cultura, idioma e conhecimento.* Reprodução da matéria autorizada pela jornalista Meire Cavalcante e pela Ed. Abril. Revista Nova Escola. São Paulo, Abril, edição 178 - dez/2004.



Figura 2: Vende-se Gelo/Hielo

O comércio, naquelas cidades de fronteira, é um laboratório vivo e permanente onde se manipulam as línguas locais oficiais, de tal maneira que as mensagens fiquem claras para os moradores dos dois lados da linha divisória, assim como para os turistas. A figura 1 pertence a um estabelecimento bancário brasileiro, sendo que o anúncio de que se encontra fechado ao público aparece nas duas línguas. Já a figura 2 mostra um comércio uruguaio que vende também produtos de marcas brasileiras como as sandálias Havaianas, a erva mate Flor Verde, os lençóis da marca Teka, entre outros. Os preços estão anunciados em moeda uruguaia, mas o anúncio da venda de gelo aparece nas duas línguas.

Em alguns casos, as propagandas são veiculadas através de uma mistura muito grande das línguas, como é o caso da figura 3, em que um panfleto distribuído nas ruas chama os turistas para conhecerem uma loja, situada do lado uruguaio da fronteira e que comercializa roupas femininas (*femeninas*), masculinas (*masculinas*) e infantis (*infantiles*). Os produtos anunciados aparecem tanto em espanhol (*chaquetas, gorro, sobretodo*), como em português (*casacão, calças*). Ao mesmo tempo, alguns deles se combinam sem seguir uma ou outra língua (*blusón de lã*).

fa-fa
BOUTIQUE
 Las mejores marcas

Femenino - Masculino - Infantil

* CAMISAS TÉRMICAS * CALÇAS DE LÃ * BLUSÓN DE LÃ
 * MANTAS DE LÃ * CHAQUETAS * SOBRETUDO
 * GORRO KAN GOL * CASACÃO

BLUSÓN BURMA.

Kundaka
 tu lugar

ROXY quiksilver. UFO rusty

MORMAN

Laguna Negra s/n
 Tel.: 2483 - CHUY

Cambio Océano
 Casimiro
 URUGUAY
 INTERNACIONAL
 BRASIL
 AV. INTERNACIONAL
 Casimiro
 Tel. 2483

Figura 3: *Blusón de lã?*

O uso concomitante das duas línguas em questão também é uma estratégia utilizada na elaboração de propagandas dos chamados *free shop* (estabelecimentos comerciais instalados na fronteira). A característica principal desses estabelecimentos é comercializar artigos estrangeiros, principalmente perfumes, bebidas, eletroeletrônicos, roupas e acessórios desportivos, isentos de impostos; com isso, os preços tornam-se amplamente convidativos.



Figura 4: Neutral Dutty Free Shop



Figura 5: No encarte: Presente/Regalo (grifo meu)

Tanto a figura 4 quanto a figura 5 mostram as descrições dos produtos ofertados pela loja (chocolate, whisky, perfumes, jogo de copos, aparelho de DVD, microondas), na Língua Espanhola e na Língua Portuguesa. No entanto, os preços são apresentados na moeda norte-americana, utilizada internacionalmente e que rege as exportações e importações.

Na comercialização local de produtos nacionais, observamos que além do uso das duas línguas usadas de forma alternada nas propagandas, aparecem também as moedas dos dois países, conforme ilustram as figuras 6 e 7. Na vitrine de uma loja (figura 6), o valor do produto anunciado está apresentado nas duas moedas, o que implica num cálculo prévio e, às vezes, diário, uma vez que o câmbio é regido pela cotação do dólar americano. Isso se configura como outra característica fronteiriça: as pessoas lidam com *pesos* e *reais* facilmente, tornando-se muito comum adquirir um produto, pagar em uma moeda e receber o troco em outra.



Figura 6: Comestíveis nas duas moedas



Figura 7: Comidas nas duas línguas

Do mesmo modo, é comum que, ao conversar com os habitantes nativos, esses se manifestem simultaneamente num e no outro idioma, “*de maneira involuntária, é sin querer mismo*” (garçom brasileiro, cidade do Chuí). “*Acá todo el mundo se entiende, no hay muito micuín*” (palavras de um taxista do lado brasileiro da fronteira Chuí-Chuy, fazendo referência à mistura lingüística).

É muito comum encontrarmos termos que nasceram do encontro das duas línguas em questão e que acabam se legitimando pelo uso contínuo e permanente na fronteira. Alguns exemplos são citados na matéria anteriormente referida *Escuelas de frontera* e listados a seguir:

Português	Espanhol	Portunhol
batata doce	boniato	muñata
vaso sanitário	inodoro	bateclô
açúcar	azúcar	azugre
um pouco triste	melancólico	abichornado
olhar	mirar	bombear
malha fina de lã	buzo	tricota
não perturbe	no molestes	afloxa

Fonte: Revista Nova Escola. São Paulo, Abril, edição 178 - dez/2004.

Para Behares, um estudioso das línguas faladas em regiões de fronteira entre Uruguai e Brasil, o bilingüismo é riqueza quando a sociedade não tenha decidido que ele é ruim. Esse autor aponta que, na sociedade riverense, o portunhol é sintoma de pobreza e decadência, sinônimo de desprestígio. Nesse sentido, Behares identifica dois tipos de áreas bilíngües: uma, em que as línguas desenvolvem-se com consciência ambiental e conseqüentemente o bilingüismo é aceito e auspiciado; outra em que não há essa consciência ambiental e uma das línguas é desprestigiada.

Percebe-se, na fala de alguns colaboradores, que o *portunhol* é, além de uma realidade indiscutível, a manifestação lingüística de menor prestígio nesse contexto social. Dois desses colaboradores, C4 e C5, ambos do sexo masculino e profissionais liberais, declaram que reconhecem que o *portunhol* ajuda na

comunicação. Todavia, embora o entendam, não o falam. Os estudos lingüísticos fronteiriços são relativamente recentes. Verifica-se que também não há uma política educacional específica para o ensino dessas duas línguas dentro das respectivas fronteiras geográficas. A pesquisadora Jacira Helena do Valle Pereira da Universidade Federal do Matto Grosso do Sul afirma que:

As peculiaridades da fronteira e as possibilidades de ensino que elas trazem são ignoradas na maioria das escolas do Brasil. Poucas secretarias municipais e estaduais brasileiras têm políticas públicas ou desenvolvem projetos que atendam à demanda dos 585 mil estudantes fronteiriços. As aulas são dadas como em qualquer outro lugar do país.⁸ Ambas as línguas são ensinadas nas escolas como se elas fossem únicas "no seu contexto, sendo ignorada, dessa maneira, a permanente exposição à qual estão sujeitos os moradores locais."⁹

Segundo Savedra, pesquisadora de UFRJ que vem intensificando suas pesquisas sobre o plurilingüismo no Uruguai com o projeto *Política Lingüística no Brasil e no Mercosul: O Ensino de Primeiras e Segundas Línguas em Bloco Regional* é essencial para o Brasil como membro do Mercosul, discutir a formulação e implementação de políticas lingüísticas no âmbito das iniciativas empreendidas por este bloco regional.¹⁰

Embora o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai tenham manifestado logo cedo uma preocupação com o assunto, através da criação do GTPL (Grupo de Trabalho em Política Lingüística), o trabalho de implementação de uma política lingüística e educacional pouco avançou.

⁹ Revista Nova Escola. São Paulo, Abril, edição 178 – dez.

¹⁰ SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Disponível em: http://www.faperj.br/boletim_interna. Acesso em fev. de 2007.

2 OS VAIVÉNS DA FRONTEIRA

É meu interesse, nesta seção, realizar uma análise de um espaço híbrido, de múltiplas e de intensas interações, denominado *fronteira*. Para isso, procuro, em um primeiro momento, discutir o termo *fronteira*, em uma perspectiva sócio-geográfica e analisar, em um segundo momento, este cenário de múltiplas atividades culturais com os intercâmbios que justificam “os vaivens da *fronteira*”.

Segundo Grimson (2000)¹¹:

As fronteiras são espaços de condensação de processos sócio-culturais. Essas interfaces tangíveis dos estados nacionais estão unidas e separadas de diversas maneiras, tanto em termos materiais como simbólicos. Há fronteiras que somente figuram nos mapas e outras que têm muros de aço; fronteiras onde a nacionalidade é uma noção difusa e outras que constituem a categoria central de identificação e interação. (Tradução nossa).

Nesse sentido, a *fronteira* política separa dois territórios, dois sistemas políticos e possibilita diferentes formas de funcionamento, modos de organização e sistemas jurídicos que relativizam a existência de uma linha divisória e que representa, para alguns, uma descontinuidade.

Os historiadores dizem que, hoje em dia, vivenciamos momentos especiais em relação às *fronteiras*, situações de abertura e fechamento, de balanço, inventários, desafios e busca de respostas. Não mais as *fronteiras* estão a serviço da defesa das nações. Hoje, elas têm essa nova configuração de “porta” que permite passagem, comunicação, diálogo, interlocução de dizeres, saberes; que propicia o intercâmbio de discursos, olhares, pontos de vista e objetos com a mesma

¹¹ Trecho do artigo *Pensar fronteras desde las fronteras* publicado na Revista Nueva Sociedad nº170, Nov- Dez 2000. Disponível em < <http://www.nuso.org/upload/articulos/2916>>>. Acesso em jul.de 2006.

intensidade. Além disso, essa configuração favorece que o sentimento de parentesco e de pertencimento não se esgote nas fronteiras do Estado.

De forma restrita, uma cidade fronteiriça pode ser entendida como uma aglomeração urbana situada nas proximidades dos limites geográficos de um território e encontra-se, geralmente afastada da capital administrativa e política. As zonas que estão em contato direto numa fronteira são reguladas por legislações diferentes e controles específicos. À fronteira atribuem-se várias funções: alfandegária e migratória, ou seja, controlar o fluxo de entrada e saída de pessoas, como também o de mercadorias nacionais e internacionais. Isso implica na fiscalização (mais ou menos rigorosa), aplicação de leis alfandegárias, cumprimento de determinações de acordo com as relações diplomáticas que mantêm as nações envolvidas. Nesse cenário se colocam em contato direto, além de tudo, formas de ser, de viver e sentir.

Conforme Pesavento:

Há, sem dúvida, uma tendência para pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político. Nesse sentido, a fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de algo, fixação de um conteúdo e de sentidos específicos. Nessa medida, o conceito de fronteira avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença e alteridade com relação a outros (2001, p. 7).

Com base nesta perspectiva, utilizo o conceito de fronteira não somente como uma linha divisória que separa e/ou põe em contato subsistemas nacionais diferentes, nem como um espaço que serve apenas como referência geográfica onde transitam, em mão dupla, pessoas, mercadorias, mensagens. Há sim a passagem, a comunicação, o intercâmbio, e conseqüentemente existe o surgimento de algo novo, híbrido, novas construções, novas percepções diferentes das duas realidades (ou mais, como é o caso da tríplice fronteira formada entre Brasil, Argentina e Uruguai) que compõem essa fronteira. Segundo Pesavento: “como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites que aponta para um além” (2002 p. 36). Nessas novas construções que acontecem a partir da mobilidade e da mestiçagem é inevitável, também, o enfrentamento dessas construções imaginárias que são a identidade e a alteridade, em que os outros são definidos em relação a nós e vice-versa. Nessa situação de fronteira, os indivíduos situados em

comunidades com identidade(s), história, bagagem afetivo-emocional, língua própria, passam a se autonegar e nomear ao outro a partir das relações estabelecidas, em que se cruzam e se conformam imagens e expectativas mútuas.

O outro se constrói mediante um processo social, nos diversos ambientes, nos diversos discursos e práticas do poder político, nas diversas construções intelectuais, econômicas, educativas e sociológicas. Nesse sentido, a fronteira é um espaço onde os efeitos internacionais se fazem presentes de forma permanente em todas as instâncias, na manifestação das identidades culturais, nas atividades individuais e coletivas, nos projetos e expectativas da população.

2.1 YO VERSUS EU / YO & EU

Falar sobre identidade cultural mexe muito comigo, como “estrangeira” no Brasil (embora naturalizada cidadã brasileira, por opção), no sentido de que sempre me deparo com situações nas quais preciso explicar alguma coisa, o meu sotaque, o tamanho do meu nome (juntando os dois nomes e os três sobrenomes que compõem todo o meu nome somam trinta e nove letras). A composição dos nomes é determinação da legislação uruguaia que obriga que, ao nascer, a criança incorpore, em primeiro lugar, o sobrenome paterno; em segundo, o materno e, no casamento civil, a mulher acrescenta a preposição *de* mais o sobrenome do cônjuge. Outro exemplo dessa experiência é a justificativa necessária da minha opção como torcedora ante um eventual encontro entre as seleções de futebol do Brasil e do Uruguai.

As minhas múltiplas identidades: feminina, latino-americana, filha e mãe, professora e aluna, branca, uruguaia por nascimento, brasileira por opção, irmã, tia, sobrinha, madrinha, praticante da religião Católica Apostólica Romana, debatem-se, desacomodam-se, fazem força para ficarem visíveis ou invisíveis, dependendo do momento e do espaço, e exigem sempre uma constante negociação. Este sentimento é assim descrito por Bauman:

As identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, o resultado da negociação permanece eternamente pendente (2003 p. 19).

Esse autor diz, ainda, que atualmente vivemos num líquido mundo moderno, onde tudo se torna instável, e as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam, e ilustra sua fala, com o seguinte relato:

Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, árabicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro (2003, p. 33).

Nessa perspectiva, as identidades são uma mescla de aspectos globais e locais, tendo a influência ou interferência de um sobre o outro. Assim, vem sendo usado o termo *glocal*, que para Veiga Neto (2006)¹²:

Ele foi inventado para designar o jogo de tensões, ressignificações e fusões que se estabelecem entre fenômenos que são, ao mesmo tempo, globais e locais. O termo *glocal* aponta para o caráter não saturante da globalização, isso é, por mais invasiva e pervasiva que ela seja, sempre haverá a possibilidade de ativar determinadas condições locais - em termos de resistências, adaptações e filtragens - de modo a se opor à simples importação, invasão ou imposição de práticas, significados e valores não autóctones.

Nesse sentido, as pessoas, nos seus cenários locais, constantemente estão reformulando suas próprias identidades individuais e coletivas ao consumir elementos culturais que surgem de vários níveis e procedências.

Para Bhabha, a temporalidade não sincrônica das culturas nacional e global abre um espaço cultural denominado Terceiro Espaço. Segundo suas palavras:

Embora em si irrepresentável constitui as condições discursivas da enunciação, garantindo que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (2003 p. 300).

¹² Globalização, (des) igualdade e conhecimento escolar: as armadilhas para a inclusão. Apresentado no III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares e VII Colóquio sobre Questões Curriculares, na Universidade do Minho (Braga, Portugal), em fev. de 2006.

Esses espaços resultantes de hibridização não são determinados nunca, unilateralmente, pela identidade hegemônica e, segundo esse autor, estão contínua e contingencialmente abrindo-se, retraçando as fronteiras.

Como a identidade é compreendida, neste trabalho, dentro do discurso, é importante analisar as dimensões: histórica, social, material, emocional. Assim, identidade implica e pressupõe a presença do “outro” e que haja um vínculo relacional que, na aproximação e no confronto, permite estabelecer as possíveis diferenças entre as identidades. O conceito de *homem moderno* estabelecia uma compartimentação entre as duas categorias, de tal modo que a identidade era considerada absoluta, estável e integrada. Outra concepção do sujeito caracteriza-o por ser variável e mutante e não ter uma identidade fixa. “É uma fantasia, considerar a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente” afirma Hall (2003 p. 13). Com a aparição dos meios de comunicação e das tecnologias, esse modelo de identidade fixa acabou entrando em crise e, assim, a construção da identidade passou a ser considerada “virtual”, à distância, tornando cada vez mais difusos os limites espaços-temporais e, conseqüentemente, relativizando a fronteira entre o “nós” e os “outros”.

O uso cada vez mais difundido e abrangente dessas tecnologias encaminha-nos a passos gigantescos para experiências totalmente virtuais, em que, cada vez mais, as comunidades virtuais tornam-se novos espaços para as relações interpessoais, mudando o discurso social e identitário. Esses espaços cibernéticos de encontro e convivência propiciam o estabelecimento de relações desejadas, bem como, a possibilidade de “desconectar-nos” quando seja do nosso interesse. Eu posso viver em várias comunidades ao mesmo tempo, desde que, por alguma razão, identifique-me com elas. A virtualidade do ciberespaço propicia uma constituição de comunidades muito facilmente descartáveis, já que sua característica principal é a desterritorialização, e os limites de tempo e espaço são diferentes. As comunidades criam-se não mais a partir da geografia ou da faixa etária ou das crenças religiosas somente. Um simples interesse em comum, por parte de várias pessoas, pode ser o motivo de se criar uma comunidade e ela pode desaparecer de maneira instantânea, assim como surgiu.

Basta ver as comunidades constituídas no *orkut* (Rede Social ou comunidade on-line, onde os associados estão conectados entre si por laços de interesse

comum). Essa efemeridade aporta uma nova característica às identidades que se associam a essas comunidades. Ao que me parece, a característica mais significativa é a impessoalidade e a possibilidade de integrar diferentes grupos.

Nas palavras de Hall: "Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço a nenhum deles...longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada sempre adiada' "(2003, p.415).

Se eu fechar os olhos e repetir as palavras desse autor, elas soam familiares, parecem velhas amigas que convivem comigo, que estão sempre a rondar minhas idéias, latentes, presentes. A indagação sobre os sentimentos dos indivíduos que enfrentam, voluntariamente ou não, o exílio, certamente seria assunto para um outro trabalho de pesquisa. Não sei a resposta, mas a sensação é exatamente essa, uma grande, enorme dicotomia entre várias sensações. Costumo dizer, quando perguntada sobre essa ambigüidade, que os exilados têm dois corações que batem em tempos e ritmos desencontrados, que dão vida ao seu proprietário, corações que mantêm boas relações de vizinhança entre si, mas que, às vezes, desentendem-se.

As identidades do mesmo sujeito são perceptíveis. Para um exilado, as expressões e atividades que configuram os hábitos de vida do novo ambiente ocorrem, inevitavelmente, como um contraste com as lembranças da vida vivida no outro ambiente que ficou para trás. Ao fazermos parte de um determinado grupo herdamos uma determinada língua que passa a ser uma das nossas marcas identitárias. Por sua vez, os grupos distinguem-se através da língua e das normas e valores culturais que por ela são transmitidos, ou seja, carrega consigo a enorme responsabilidade de traduzir todo o infinito e complexo emaranhado de significados lingüísticos, sociais e culturais.

Quando falamos em situação de convivência em fronteiras secas, fazemos referência às relações que ali são estabelecidas. Deparamo-nos com um universo em que, além das mercadorias e produtos típicos dos dois lados, negociam-se significados, costumes, valores, sentimentos e crenças.

2.2 DO OUTRO LADO DA RUA...

Canclini, durante uma conferência no VI Congresso da SIBE¹³, fez referência à letra de uma música de autoria de Ferreira Gullar, poeta maranhense, musicada e interpretada por Raimundo Fagner, intitulada *Traduzir-se*¹⁴. Eis o poema:

Uma parte de mim é todo mundo
 Outra parte é ninguém
 Fundo sem fundo
 Uma parte de mim é multidão
 Outra parte estranheza e solidão
 Uma parte de mim, pensa
 Pondera
 Outra parte, delira
 Uma parte de mim almoça e janta
 Outra parte se espanta
 Uma parte de mim é permanente
 Outra parte se sabe de repente
 Uma parte de mim é só vertigem
 Outra parte, linguagem
 Traduzir uma parte noutra parte
 Que é uma questão de vida ou morte
 Será arte?

Nessa música, o poeta expressa os encontros e desencontros de uma mesma pessoa. Destaca as muitas identidades que coexistem em cada um de nós, às vezes pacificamente; outras, nem tanto. A convivência do indivíduo com essas identidades fragmentadas é uma das características da pós-modernidade, pois já não é mais possível pensar numa única identidade. Isso gera ansiedades, dúvidas, receios, incertezas, interrogações permanentes, a constante busca de significados e respostas para todos os apelos que as identidades nos lançam.

Stuart Hall, expoente da Escola de Birmingham e dos Estudos Culturais, é um pensador contemporâneo que analisa os processos culturais tendo como pano de fundo as mudanças societárias impostas pelo processo de globalização e a chamada cultura pós-moderna, que alguns autores chamam de modernidade tardia (Rovanet, USP) e outros, como já foi referido, de modernidade líquida, como Bauman (2001).

¹³ Sociedade de Etnomusicologia VI Congresso na cidade de Faro, Algarve (Portugal) no ano 2000.

¹⁴ FAGNER, Raimundo. Traduzir-se. In: 20 Supersucessos Fagner. São Paulo: Sony, 1997.1CD.

Para Hall, há duas maneiras de ser pensada a identidade cultural, uma delas é a partir da busca, por parte de uma comunidade de um vínculo identitário, ou seja, quando se quer recuperar ou manter um passado comum, por exemplo, a *latinidade*, a *brasileiridade*. A outra concepção vê a identidade cultural como uma questão de “tornar-se” ou de “ser”, na qual as pessoas autodenominam-se como “nós”, reconhecendo-se herdeiras de um passado que seria comum e que estão dispostas a (re) construir e transformar de maneira coletiva.

Segundo esse autor, esse processo inegável de globalização que a humanidade está vivenciando aponta para conseqüências contraditórias. Ao mesmo tempo em que há uma tendência para a homogeneização, dada a ruptura de “fronteiras”, há um reforço das identidades nacionais, locais e regionais, em virtude da resistência a esse mesmo processo de globalização. Ainda, para Hall, há uma terceira conseqüência desse confronto: o aparecimento de identidades híbridas. Para Canclini (2000)¹⁵: “Entendo por hibridização processos sócio-culturais nos quais as estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.(Tradução nossa)

As pessoas que pertencem às culturas híbridas necessitam permanentemente de tradução, uma vez que são obrigadas a conviver com, no mínimo, duas identidades diferentes. A troca cultural, nas palavras de Burke: “é uma conseqüência dos encontros; mas quais são as conseqüências da troca?” (2003 p. 19).

Há, para esse autor, pelo menos quatro modelos de cenários possíveis de reação às “importações” ou “invasões” culturais: aceitação, rejeição, segregação e adaptação. Essa última pode ser vista como um movimento duplo de descontextualização e re-contextualização, em que os itens são retirados do seu ambiente natural e re-inseridos em outro(s).

O termo “hibridismo” pode ser usado para as mais variadas situações, seja referente aos artefatos, às práticas culturais e/ou aos povos. Como artefatos, encontramos imagens, obras de arquitetura, mobílias, músicas que sendo oriundas de uma determinada cultura sofrem influência de outra(s), dando espaço para novas manifestações.

¹⁵ Texto apresentado como palestra do professor convidado no VI Congresso da SIBE, celebrado em Faro, em julho de 2000.

O fenômeno da hibridização evidencia-se claramente na música. Comumente, ouvimos ritmos nascidos do encontro dos que são autóctones com outros vindos de outras latitudes, como é o exemplo do *candombe* no Uruguai, ritmo afro-uruguaio, legado do acervo ancestral africano de raiz Bantu trazido pelos povos escravizados chegados ao Rio da Prata. A área Bantu é uma enorme região cultural africana com um mosaico étnico muito complexo – formado por uns 450 grupos – e uma expansão lingüística que ultrapassa os 20 grupos lingüísticos e 70 dialetos.¹⁶ É esse mesmo *candombe*, símbolo do carnaval uruguaio que se encontra, inevitavelmente, com o *samba* durante as comemorações carnavalescas na fronteira.

Outro campo fértil para a hibridização é o da linguagem. As línguas por questões históricas de invasões e guerras têm se misturado, bem como continuam a fazê-lo em vista do processo de globalização que nos atropela sem pedir permissão. Nas manifestações culturais populares, vemos fenômenos como o Carnaval (principalmente no Brasil) como exemplo bem claro de hibridização, em que as raças, os credos, os ritmos, as línguas contribuem de maneira direta para o espetáculo híbrido.

Por último, a hibridização manifesta-se no encontro entre os povos, de várias maneiras. Uma delas é nas zonas de fronteiras geográficas, onde há sobreposição e interseção das culturas em questão. As nações continuam a existir, assim como as etnias, mas se abre um processo de (re) construção das identidades das comunidades envolvidas que dá origem a novas manifestações interculturais.

2.3 ANÁLISE DOS MATERIAIS: SEGUNDA PARTE

Quero me deter neste ponto, considerando que a experiência do Rio Grande do Sul é *sui generis*, referente à vida e à cultura fronteira. Atualmente, as comunidades que integram essa região, criam e sustentam uma cultura também híbrida e tolerante, pois as fronteiras, que já foram de guerra, foram transformadas em fronteiras de paz, num espaço onde as pessoas foram inventando modos de

¹⁶ Disponível em: <<http://www.candombe.com/spanish.html>>. Acesso em 28 de jul. de 2006.

viver e de se expressar, antecipando culturalmente o que hoje se configura como o Mercosul.

Essas comunidades têm, entre outras, como características importantes: manejo de mais de uma língua; intercâmbio de produtos e serviços; realização de atividades sociais e culturais interfronteiriças; códigos compartilhados. Assim é comum as pessoas terem o registro de duas nacionalidades, ou *dobles chapa*, como são chamadas na fronteira. Um termo alusivo ao que acontecia há muitos anos quando os carros tinham duas placas (*chapas*, na Língua Espanhola), uma representando a cada país e que lhes permitia a circulação fora dos limites de seu país e, conseqüentemente, dentro dos limites do país vizinho.

“La frontera te permite la facilidad de legalizarte en el país vecino por el simple hecho de fijar residencia o estudiar al otro lado”. EF¹⁷

Essa é uma situação que acarreta, inclusive, alguns problemas legais, já que as legislações dos dois países são diferentes no que diz respeito ao registro civil dos cidadãos. Uma mesma pessoa, se registrada nos dois países, terá seu nome registrado de maneiras diferentes.

Esse é o caso de Héctor, filho de pai brasileiro e mãe uruguaia. Nascido na cidade de Rivera, no Uruguai, foi registrado com o sobrenome do pai em primeiro lugar (Méndez) e o materno, em segundo (Muñoz). O seu registro uruguaio atesta que ele é Héctor Méndez Muñoz:



Figura 8: A carteira uruguaia do Héctor

¹⁷ EF - Entrevistada Feminina

Posteriormente, quando foi efetivado o registro do menino, no território brasileiro, passou a levar o sobrenome materno primeiro, seguido pelo paterno. No seu registro de cidadão brasileiro consta Héctor Muñoz Manzoni.¹⁸



Figura 9: A carteira brasileira do Héctor

Futebol e Carnaval também são paixões compartilhadas na fronteira.

“Somos muy hermanos hasta la hora del fútbol, cuando se trata de selecciones, cada uno por su país” (vendedor ambulante da cidade do Chuy).

Sem dúvida que, no momento crucial de um enfrentamento futebolístico, as identidades refugiam-se na suas respectivas bandeiras e um sentimento fortemente nacionalista toma conta dos torcedores. Há, na fala das pessoas, o peso da rivalidade nessas horas, expressando manifestações de respeito pela tradição que os dois países mantêm nesse âmbito desportivo. Já se passaram 57 anos da histórica derrota da seleção brasileira por parte da seleção uruguaia na final da Copa Mundial de 1950, no Estádio Maracanã. Entretanto, todos os anos no dia 16 de julho, o fato é lembrado pelos brasileiros com muita tristeza, assim como é lembrado pelos uruguaios com alegria, mas sem fazer deste fato um estandarte de desmerecimento do adversário.

¹⁸ A pesquisadora obteve dos pais do Héctor uma autorização escrita para colocar o documento de identidade neste trabalho (ver no anexo F).

O carnaval é outro momento que aproxima, e muito, as comunidades, a ponto dos ritmos confundirem-se. O samba e o *candombe* dividem os palcos (*de acá y de allá*) e misturam cores, instrumentos, passos de dança e muita alegria. A revista uruguaia *Derivera*¹⁹ anuncia, assim, a chegada de mais um carnaval:



Carnaval 2006

Ritmo y color en la frontera con desfile internacional, tablados barriales y bailes de clubes, comienza mañana sábado, el carnaval en la frontera.

Mañana a las 21.30 horas, comenzará a desarrollarse el carnaval internacional, en el momento que el trío eléctrico de Banda Kelly y las **escolas de samba** de

Livramento, recorran la Av. Sarandi. Como informó *derivera* en anteriores ediciones, el ya clásico trío estará acompañado en esta oportunidad de seis **escolas de samba, Mocidade, Tradição, Académicos, Bafo da Onça, Nascente do sol y Praianas**, las cuales desfilarán de a tres por noche. (grifos meus)

Figura 10: Na folia do carnaval

As tradições andam lado a lado na avenida, a *bahiana* e o *gramillero* (figura 10), que são duas figuras representativas das diferentes culturas carnavalescas, unem-se na festa do Rei Momo.

Representações de tradições culturais muito específicas de cada país (como o trio elétrico e a escola de samba no Brasil e a *murga* e o *candombe*, no Uruguai), unem-se na avenida e convivem em harmonia, levando som, entusiasmo e adrenalina às ruas uruguaias e brasileiras.

O carnaval é uma festa comum aos dois países e coincide nos seus calendários festivos, mas as respectivas datas cívicas, que acontecem em momentos diferentes, também são compartilhadas na fronteira. A Revolução Farroupilha, o Grito do Ipiranga, a Independência do Uruguai são momentos de

¹⁹ Disponível em: <<http://www.derivera.com.uy>>. Acesso em fev.de 2006.

integração. Acontecem os desfiles próprios que são prestigiados por autoridades dos dois lados da linha como também pelos moradores. As escolas fazem-se presentes e a festa é internacional. Uma reportagem, no jornal *A Platéia*²⁰, parece querer justificar a programação da eminente comemoração do dia 20 de setembro também pelos uruguaios.

Integração e Liberdade: Patrimônio da Gente

Bandeiras brasileiras flamarão nos “balcones” de Rivera e bandeiras uruguaias penderão das sacadas de Sant’ana do Livramento, principalmente ao longo do singular trajeto internacional que inicia na praça General Osório - Brasil - e que termina na praça General Artigas - Uruguai.

As características históricas da fronteira, de fusão cultural e comportamental - costumes - que podem vir a ser acentuadas pela amálgama que será levada a cabo, no que se refere à comemoração conjunta com os vizinhos do lado de uma data tão importante para os gaúchos como o é o 20 de setembro, não incorrerá em risco algum para o tradicionalismo santanense e nem desvirtuará sua imagem de “Cidade da Tradição”.

Pelo contrário. A notoriedade que pode alcançar a Semana Farroupilha Internacional como evento único no mundo, sendo corretamente explorado e com o aperfeiçoamento necessário, ano após ano, poderá catapultar Livramento em vários setores como, por exemplo, o turismo, que todos sabem o que pode significar para a economia local.

Mas independentemente de qual, quem ou o quê se pretende alavancar na cidade, a imensa importância que o tradicionalismo, como movimento organizado e amplamente divulgado logrou adquirir no seio do povo gaúcho, e do santanense em especial, não será maculado por uma incursão de quinhentos metros em um país cuja história e cultura se misturam com a nossa e, por que não, muitas vezes se confundem; visto que como dizem muitos historiadores, a história é um livro que ainda não se conseguiu escrevê-lo por inteiro.

Figura 11: As comemorações cívicas

²⁰ Publicado em *A Platéia*, em 20 de setembro de 2003. A tradução do termo “balcones” para a Língua portuguesa é “sacadas”. (grifo meu)

Também não coincidem as comemorações do dia 12 de outubro nos dois países, enquanto que o Brasil comemora o Dia de Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil), o Uruguai lembra o dia do descobrimento da América, chamado no mundo hispânico de *Día de la Raza* ou *Día de la Hispanidad*. No território brasileiro as crianças são comercialmente lembradas também nesse dia. A data, que é dedicada (também comercialmente) às crianças no território uruguaio, acontece no mês de agosto. Todavia, isso não é impedimento para que as duas datas (12 de outubro e segundo domingo do mês de agosto) sejam motivo de festa para a criançada do lado de cá e de lá da linha divisória.

Hoje é dia de alegria



GERAL

RCC FM
espera
todas as
crianças
de
Livramento
e Rivera
para
grande
festa

Figura 12: No dia da criança

Curiosamente, há algumas comemorações religiosas que tradicionalmente não fazem parte do calendário do povo uruguaio. Temos como exemplo a festa de São João, celebrada no dia 24 de junho no território brasileiro e por isso, nas regiões fronteiriças, encontram eco do outro lado da linha divisória. Assim, é anunciada mais uma comemoração “*junina*” na revista *Derivera*:²¹

²¹ Disponível em: <[http:// www.derivera.com.uy](http://www.derivera.com.uy)>. Acesso em: jun. de 2006.

¿Qué habitante de esta frontera no ha participado de alguna "fiesta caipira" o "fiesta junina" en el mes de junio? Gorros de todo tipo, ropa con remiendos, el clásico "casamento na roça" y tal vez un poquito de "quentão" y maní, para entrar en calor.

Esta tradicional fiesta brasileña, adoptada como propia en Rivera, invade las calles, los bailes y por supuesto las escuelas.

Vale recordar que las fiestas juninas como las conocemos en nuestra frontera, tienen su origen en la celebración de San Juan, pero con ciertas influencias paganas, según indican algunos historiadores, que creen que las hogueras que se encendían, tenían la finalidad de ahuyentar los malos espíritus, propiciando buenas cosechas.

De esta forma se confirma que la celebración "juanina" comenzó en los campos y plantaciones, lo que explica que hasta hoy, para los festejos, la vestimenta sea de campesinos o "caipiras", representando la antigua vida del campo en Brasil. (grifos meus)

Figura 13: Convite para a festa junina

O texto, redigido na Língua Espanhola, apresenta também expressões em português, desde o próprio termo alusivo à festa: *junina* e *juanina* (de *San Juan*), passando por *quentão*, que não encontra uma tradução fiel no espanhol, *casamento na roça* e *caipira*.

Os concursos também são uma constante na região de fronteira, sejam de música, dança, poesia, pajadores. O chamado é sempre o mesmo: "promover um evento no qual se integre e reafirme a arte e a tradição dos dois povos, de uma mesma origem gaúcha".²²

Até o relógio teima em ser atípico nessas regiões fronteiriças. Há um período do ano em que as cidades vizinhas têm diferentes horários. Tanto o Uruguai como o Brasil adotam o "horário de verão" que visa economia no consumo de energia elétrica, porém geralmente o fazem em datas diferenciadas, o que gera alguns

²² Disponível em: <<http://www.hermanandopatrias.com.uy>> (tradução minha). Acesso em: jun.de 2007.

contratempos e situações bastante curiosas, principalmente para as pessoas que moram de um lado e trabalham do outro da divisa. Horários desencontrados de início e término dos expedientes, do atendimento ao público nos estabelecimentos comerciais, das refeições, tudo se altera em função dessa diferença.

Todas as situações aqui apresentadas, a maioria envolvendo festividades, comuns ou não aos dois países, são, de alguma maneira, as que evidenciam o hibridismo cultural na região, sendo responsáveis por esses vaivéns das fronteiras. Há uma inquietação permanente que mexe com as pessoas do lugar, levando-as a participar ativamente das comemorações civis, religiosas, ou meramente, econômicas (por exemplo, “Dia da Criança”) dos dois lados da linha divisória.

3 ENROLANDO AS LÍNGUAS

Esta seção aborda meu caminho investigativo bem como a análise das entrevistas realizadas e dos questionários aplicados na região de fronteira, tecendo análises das falas e das imagens disponíveis naquela região.

3.1 MEU CAMINHO INVESTIGATIVO

O material analisado nesta investigação consta de quatro questionários respondidos pela Internet, duas entrevistas realizadas pessoalmente, vinte quatro registros fotográficos, um jornal local que circula na região fronteira entre as cidades de Chuí e Chuy, um jornal de grande porte da cidade de Santana do Livramento e uma revista eletrônica da cidade de Rivera.

3.2 O QUE DIZEM AS PALAVRAS E AS IMAGENS

As duas entrevistas, realizadas neste primeiro momento da investigação, refletem um sentimento de pertencimento à fronteira dos colaboradores que participaram da pesquisa. Foram escolhida duas pessoas, uma uruguaia e outra brasileira, oriundas das cidades vizinhas de Rivera e de Santana do Livramento. Uma delas é do sexo feminino (que chamo de EF, entrevistada feminina) e a outra, do sexo masculino (que chamo de EM, entrevistado masculino), ambas de diferentes faixas etárias e que têm em comum o fato de terem nascido e de terem vivido os primeiros trinta anos de suas vidas em zona fronteira. Nesse sentido, os entrevistados EF e EM passaram suas infâncias, adolescências e definiram suas opções profissionais nesse cenário compartilhado. Essas entrevistas têm como

objetivo identificar, no discurso dos fronteiriços, o sentimento desses indivíduos em relação a essa situação tão peculiar da qual participam. As entrevistas realizadas com EM e EF estão nos anexos D e E, respectivamente.

A primeira entrevistada desta pesquisa, EF, nasceu na cidade de Rivera, tem 39 anos, é descendente de pai e mãe uruguaios. Foi alfabetizada na Língua Espanhola, cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na cidade natal, assim como o Curso de Magistério. No início da carreira, trabalhou como professora alfabetizadora na rede pública de ensino e, atualmente, é aluna do curso de Filosofia. O segundo colaborador entrevistado, EM é cidadão brasileiro, nascido na cidade de Santana do Livramento, filho de pais uruguaios e neto de avó paterna brasileira. Na sua família, tinha tios das duas nacionalidades e todos os primos eram uruguaios. EM relata um fato bastante curioso. Apesar de ter nascido em território brasileiro, foi registrado também em solo uruguaio. A curiosidade fica por conta de que os dois registros atestam que EM nasceu no dia 26 de janeiro, mas diferem em relação ao ano: a certidão brasileira aponta 1945 como a data do nascimento e, na certidão uruguaia, consta o ano de 1944, fato para o qual esse colaborador não tem explicação e acredita que isso tenha sido fruto de um engano cometido pelo seu pai na hora de efetivar os registros. Esse colaborador cursou seus estudos primários numa escola particular do Uruguai, onde ingressou já alfabetizado pela sua mãe (em Língua Espanhola), na segunda série do Ensino Fundamental.

Quando o assunto é a língua, os dois colaboradores são unânimes em afirmar que sempre tiveram contato com o espanhol, com o português e com o portunhol. Tanto EF como EM viveram suas infâncias num ambiente lingüístico em que a Língua Espanhola, a Língua Portuguesa e o portunhol eram utilizados e, portanto, o uso contínuo e simultâneo das duas primeiras lhes garantiu a fluência em ambas. Esses colaboradores reconhecem o portunhol como sendo um elemento “característico” da região onde nasceram, assim como necessário para a comunicação. EM relata:

“Em casa se falava portunhol, a mãe era dona de casa e o pai tinha uma fábrica de caixões de defuntos. Tinha um irmão mais velho que também falava portunhol.”

Os entrevistados entendem a existência dessa manifestação lingüística como sendo uma realidade que não atrapalha a comunicação, mas, pelo contrário, a favorece. Conforme EM:

“Embora não sejam todas as pessoas que falam portunhol, cem por cento delas o entendem. Quando há alguma dificuldade de comunicação, as pessoas apelam às três maneiras de comunicar-se, se não dá pé em espanhol, vai em português e se mesmo assim, não resolve, lançam mão do portunhol. Com uma das três modalidades vai sair conversa.” O depoimento de EF sobre o assunto é: *“Nos hacemos entender mejor cuando hablamos en portuñol, es más usual y conocido.”*

Os dois entrevistados trazem, nos seus depoimentos, a fala de que o portunhol, mesmo sendo muito difundido e usado para “facilitar” a comunicação, pode ter uma conotação negativa nesse contexto de fronteira. EF se refere a essa modalidade, dizendo:

“Cierta terminología utilizada es tan familiar que ya se ha extinguido el término correcto y muchos de los niños y jóvenes no los conocen. Y lo que es lógico, la fusión de dos idiomas hablados e intercambiados diariamente generan los cambios en la lengua de cada uno de los países; surgiendo así el dialecto. Si bien que en la frontera mal nos damos cuenta de esto, creemos siempre que estamos hablando bien el español o el portugués; es tan normal que no lo notamos como algo creado y muchas veces totalmente destorcido del término real que se originó.”

Por sua vez, EM quando perguntado a respeito do uso do portunhol, responde:

“Creio que facilita a comunicação, embora seja falado por camadas sociais mais baixas (um “doctor” não fala portunhol).”

Segundo Bhabha (2003), a cultura é um território de diferenças que precisa ser constantemente traduzido, no qual a alteridade é narrada de diferentes formas e os olhares sobre as diferenças sempre são carregados de significações. A

identidade e a diferença são relações sociais, resultado de um processo de produção simbólica e discursiva que implicam, sempre, operações de incluir e excluir.

A política lingüística do Uruguai manifesta o caráter homogenizador típico dos Estados nacionais. A proposta homogenizadora concretizou-se mediante a Lei de Educação Comum de 1877 que propunha o ensino da Língua Espanhola em todo o território nacional, sem considerar o fato de que, no Uruguai, existem grupos lingüísticos que não são hispano-falantes como o são as comunidades luso-falantes na fronteira com o Brasil e outros que correspondem às migrações de italianos, russos, armênios, gregos, etc. Parece que essa política mostrou-se bastante eficiente no último caso, das línguas migratórias, já que elas estão em visível retrocesso, mas não teve o mesmo resultado nas regiões fronteiriças onde, embora o espanhol predomine, o português continua vivo através da manifestação do portunhol.

Vale aqui uma reflexão sobre o “preconceito” que os empréstimos lingüísticos acarretam, mesmo sendo fenômenos constantes no contato entre comunidades lingüísticas, eles trazem implícitos *“uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo”* (GARCEZ, 2001, p.15). Para além da pesquisa e a partir da minha experiência como professora de Língua Espanhola, parece-me que esses empréstimos são vistos, na ótica dos uruguaios, como uma deformação da Língua Espanhola; já na visão dos brasileiros, como mais uma variante dentre as muitas que compõem o mosaico lingüístico do Brasil.

Uma das formas de se analisar o desprestígio do portunhol pode estar relacionado com a campanha de preservação do idioma nacional de 1979, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura do Uruguai. Tal campanha, tipicamente purista, visava à preservação da Língua Espanhola em todo o território uruguaio, e criticava duramente a deformação da Língua Espanhola nas zonas de fronteira do Uruguai com o Brasil. Barrios (2006) apresenta fragmentos da campanha purista de 1979 encontrados em jornais de grande circulação, como *El Día, El País, La Mañana, El Diario, e Mundocolor*:

"[El portugués] es sin duda, una realidad, contra la cual estamos luchando para mantener lo que debe ser nuestro idioma. La afirmación nacional es una preocupación a todos los niveles, tanto en los centros de enseñanza como en los órganos de centros de gobierno" ("El Día", 17/9/1978). (grifos meus)

A campanha recomendava, na época, que para fazer frente à invasão do português era necessário centralizar os esforços numa proposta lingüística que aumentasse as horas dedicadas ao ensino do espanhol nos currículos escolares. O outro esforço direcionava-se aos meios de comunicação, exortando-os a que limitassem a influência do rádio e da televisão brasileira no território uruguaio:

El 23/8/1978 el diario "El País" informó (en un artículo titulado "Preocupa la penetración de TV y radios de países limítrofes") que el Poder Ejecutivo había integrado una comisión para solucionar el problema de radio y televisión de los países limítrofes, y así defender "nuestra soberanía, idioma y estilo de vida".

"No podemos menos que apoyar calurosamente la iniciativa de "afirmación idiomática"-que tal es su nombre- por cuanto no sólo sus propósitos sino, también los expertos que estarán a su cargo garantizan **una real preservación de los valores lingüísticos comprometidos por la infiltración fronteriza y la distorsión que se opera a través de distintos medios de difusión**" ("El País", 27/11/1978). (grifos meus)

Além disso, o objetivo era fazer a distinção entre as formas de uso da língua, classificando-as como "corretas" e "incorretas".

"Se cuenta que Carlos V [...] afirmó que el castellano era la lengua indicada para hablar con Dios" ("El País", 16/2/1975).

"Esta es la lengua española, la que suena en ambos hemisferios y refleja la vida espiritual de todo un continente: la que responde a todos los reclamos de la idea y se estremece con todos los clamores del sentir [...]. Nuestra lengua es la lengua de la libertad, del heroísmo y del amor" ("El País", 22/6/1975).

"La gran preocupación existente en diversos organismos públicos y privados de nuestro medio, por defender la modalidad nacional de la lengua castellana, ha encontrado una nueva expresión en la decisión ministerial de crear, entre otros, un programa destinado a preservar la pureza de nuestro idioma" ("El País", 27/11/1978).

A imprensa escrita da época dedicou vários artigos durante os seis meses que durou a campanha (17/01/79 até 22/07/79), sempre exaltando a iniciativa e reproduzindo o discurso nacionalista:

"El mantenimiento de nuestra lengua es uno de los pilares de la soberanía y la unidad nacional siendo necesario un uso intensivo del español a todos los niveles, a efectos de luchar con éxito ante la penetración de idiomas foráneos, poniendo a tal efecto la tecnología educativa al servicio de este propósito" ("El País", 13/8/1978).

Esse discurso direcionado contra o português está repleto de termos beligerantes como luta, ameaça, combate, defesa: *"Guerra sin cuartel contra el portuñol"* (13/8/1978), *"Contra el portuñol"* (16/8/1978), *"Defensa del idioma"* (27/11/1978).

Recentemente (março de 2007), no *IV Congreso Internacional de la Lengua Española*, ocorrido na cidade de Cartagena, Colômbia, o vice-presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai, Adolfo Elizaincín, declarou:

O dialeto português que falam os residentes da fronteira luso-uruguaia está em risco de extinção. Por enquanto, o português no Uruguai está vivo, mas não creio que em 100 anos continue existindo. O DPU tem "um centro histórico de irradiação", na cidade uruguaia de Rivera, divisa com a cidade brasileira de Santa Ana do Livramento. O português que é usado é arcaico e sobre ele foi sobreposto o espanhol para criar o dialeto atual. Na metade do século XIX, as autoridades uruguaias se deram conta do fenômeno e instauraram municípios com colonos e escolas com o objetivo de 'hispanizar', porém não o conseguiram. O projeto não teve sucesso, se acentuou a mistura, mas a base segue sendo portuguesa porque é transmitida de geração em geração. (Tradução nossa)²³

²³ Disponível em: <<http://www.portaldemontevideo.com.uy>>. Acesso em: abr.de 2007.

Os colaboradores desta pesquisa quando indagados via questionário ou entrevista, sobre o sentimento de serem fronteiriços, mostram-se unânimes ao informar que se sentem cômodos com o fato de dividirem o espaço geocultural.

“Siempre me sentí muy bien y siempre creí que es una suerte poder vivir en una región de frontera cuando lo sabemos aprovechar; como fue mi caso.

El poder dominar dos idiomas, manejar dos monedas y poder vivir en dos países diferentes por simple hecho de haber nacido en la frontera es algo encantador.” (EF, entrevistada feminina).

“ Sempre curti muito este “privilégio.” (EM entrevistado masculino).

“Siento que tengo la posibilidad, sin salir de “casa”, de tener una visión de un país diferente, otras costumbres, distintos valores y gentes que, más allá de que pueda o no compartir, me sirven como conocimiento, riqueza personal y, porqué no, como factores que incidan en cambios en este lugar.” (C1, entrevistado por questionário).

“[...] bien, normal, sin dificultades de comunicación o adaptación”.(C2, entrevistado por questionário).

Esses colaboradores exaltam o significado de serem “fronteiriços” e há um certo orgulho disso, apesar de que, quando perguntados sobre qual é a identidade mais forte (uruguaia /brasileira /fronteiriça), EM se reconhece como *fronteiriço* e EF se declara *uruguaia*, enfatizando:

*“La frontera irradia toda una energía diferente hay una fusión de culturas y gustos que posibilita a sus habitantes una vivencia muy peculiar. Te permite **tener toda una identidad más fuerte con tus raíces ya que en el momento en que se pone en juego tu verdadera nacionalidad, la patria madre siempre habla más alto** y siempre es una lucha cuando se enfrentan los equipos de fútbol de ambos países; el corazón pulsa rapidito y apretado.”* (grifos meus)

De maneira bastante tênue, EF faz menção ao conflito que se cria nestas pessoas quando as duas pátrias confrontam-se, por exemplo, no campo de futebol.

Além desses depoimentos, encontramos também uma carta. O texto seguinte é um trecho de uma carta que tem o objetivo de mostrar a “mistura fronteiriça”. A carta foi publicada na revista eletrônica *Derivera*, com a seguinte observação:

“Lectores: Phillip comparte con los lectores de *Derivera*, esta carta que entiende refleja “la mistura fronteriza” de nuestra gente” (publicado em 21/7/2006).

Meu fio:

Ispero que teyas bein nus istudo. Te conto que tua irmán troche as nota du liceu. Veio bacho iñ idioma ispañol. Iñ dibujo ta mas u menus, porque ela e disprulija. Mas u resto ta tudo bein. U teu irmáum tambeim troche as nota da isncola. Ta cum bueno muy bueno, mas teiñ que miorá a cunduta porque ele charla muinto. Ah, a tua irman impesó cumputasáum.

Onte de noite fui na Terminal intregá tua cacha de incomienda. Como eu naum tiña cinta atei ela cum piola, porque a tua irmán usó a cinta pruma lámina de dibujo. U otro día eu mandei ela un boliche para comprá umas cosiña para te mandá. Te mando um pote de mayonesa, uma mostasa, meio kilo de pancho, umas milanesa de pollo y de pescado, porque naum tiña de carne na carnicería.

Pur aquí temo tudo beim. Tua vó te manda saludos y dis que ta te istrañando. Te isperemo pras vacaciones de julio.

Vais me incontrá cambiada, porque ontonte fui na peluquería y me fis uma planchita”.

Um beyo: Mamita

A mesma carta na versão em Língua Espanhola:

Mi hijo:

Espero que te vaya bien en los estudios. Te cuento que tu hermana trajo las notas del Liceo. Vinieron bajas en Idioma Español. En Dibujo está más o menos por que ella es desprolija. Pero el resto está todo bien. Tu hermano también trajo las notas de la escuela. Está con “Bueno, muy Bueno”, pero tiene que mejorar la conducta porque él charla mucho. Ah.., tu hermana empezó computación.

Anoche fui a la Terminal para entregar tu caja de encomienda. Como no tenía cinta, la até con una piola, por que tu hermana usó la cinta para una lámina de dibujo. El otro día la mandé al *boliche* para comprar unas cositas para mandarte. Te mando un pote de mayonesa, una mostaza, medio kilo de panchos, unas milanesas de pollo y de pescado, por que no había de carne en la carnicería.

Por aquí estamos todos bien. Tu abuela te manda saludos y dice que te está extrañando. Te esperamos para las vacaciones de julio.

Me vas a encontrar cambiada porque anteayer fui a la peluquería y me hice una planchita.

Un beso: Mamita

A seguir, a carta na versão em Língua Portuguesa:

Meu filho:

Espero que estejas bem nos estudos. Conto-te que tua irmã trouxe as notas do **Liceu**. Vieram baixas em Língua espanhola. Em Desenho está mais ou menos, já que ela é muito relaxada. Mas o resto está tudo bem. Teu irmão também trouxe as notas da escola. Tem “**Bueno muy Bueno**”, mas tem que melhorar sua conduta, conversa demais. Ah! A tua irmã começou computação.

Ontem à noite fui na Rodoviária para entregar tua caixa de encomenda. Como não tinha fita, amarrei-a com barbante, já que tua irmã usou a fita para um trabalho de desenho. Outro dia mandei-a ao *boteco* para comprar umas coisinhas pra te mandar. Mando-te um pote de maionese, uma mostarda, meio quilo de *panchos*, uns bifés à milanesa de frango e peixe porque não tinha de carne no açougue.

Por aqui estamos todos bem. Tua avó manda lembranças e diz que está sentindo saudades de ti. Aguardamos-te nas férias de julho.

Vais me encontrar mudada porque anteontem fui na cabeleireira e fiz uma chapinha.

Um beijo: Mamãe (grifos nossos)

3.2.1 LENDO IMAGENS

Peter Burke (2004) argumenta que as imagens não devem ser consideradas simples reflexos de suas épocas e lugares, mas sim extensões dos contextos sociais em que elas foram produzidas. Cabem aqui as seguintes perguntas: o que o consumidor cultural constrói com essas imagens? Elas influenciam comportamentos? Elas determinam atitudes de consumo? Elas definem maneiras de atuação individual e/ou em grupo?

Todas as imagens têm uma pedagogia, uma vez que elas “ensinam” aos indivíduos, através de seus apelos, o que eles devem “precisar” ou “desejar” para serem felizes, divulgando nas linhas e entrelinhas “valores”, “verdades”, “necessidades”, enfim, estilos de vida. São imagens que carregam múltiplos significados que afetam as visões que temos sobre nós mesmos, sobre o nosso universo social e sobre o próprio mundo. Desse modo, uma imagem, ou um grupo delas, pode vir a ter imensa força, interpelando o indivíduo ao ponto deste tendê-lo a substituir a experiência pessoal e social pela(s) realidade(s) do(s) outro(s).

Portanto, essa cultura visual deve ser tratada como um aparato pedagógico envolvido na formação de diferentes subjetividades e na construção de identidades. Assim, a pedagogia manifesta-se aqui como produtora de conhecimento, formas de condutas éticas e identidades sociais.

3.2.2 ANÁLISE DAS IMAGENS POLIGLOTAS

As imagens são políglotas quando as línguas convivem para identificar um estabelecimento comercial (no caso da figura 14), indicando a modalidade de venda, que é por atacado e varejo - **ventas por mayor y menor** - e criando um slogan para esse comércio - **Uma questão de bom gosto** (circulado na figura).



Figura 14: Vendas por atacado e varejo (grifo meu)

São políglotas também quando anunciam alimentos típicos das diferentes culturas num mesmo lugar, como é o caso das figuras 15 e 16, que mostram um trailer e um restaurante, respectivamente, que vendem lanches na cidade uruguaia do Chuy onde o **pancho** (lanche que é composto de pão e salsicha, sem o acréscimo de outros ingredientes como ervilha, milho, batata palha, tomate, queijo ralado, como é o costume brasileiro) divide o cenário com o **cachorro quente**. Também o **bauru** e o **chivito**, que são duas versões de um mesmo tipo de lanche, convivem nessas regiões. Os dois têm a mesma base alimentar: carne, ovo frito, queijo derretido, presunto, tomate e alface (podendo ser acrescentados de maionese, ketchup e mostarda, de acordo com o paladar do consumidor), e servidos no pão ou no prato, com ou sem batatas fritas. A diferença entre eles fica por conta dos ingredientes que acompanham o **chivito**, como pickles, pimentão e bacon frito, azeitonas verdes e pretas.



Figura 15: O trailer bilíngüe



Figura 16: La chivitería

Fica explícito esse hibridismo das línguas na vitrine da padaria e confeitaria uruguaia na cidade do Chuy (figura 17), que oferece ao público, através de um anúncio fixado no vidro, chás de pêsego e maçã, no espanhol (e acompanhando o contexto) deveria aparecer como: *Tenemos té: Durazno y Manzana.*



Figura 17: Na padaria “La Reina”

Na vitrine da farmácia brasileira, dois momentos diferentes do uso das línguas. De um lado, há o anúncio de que são aceitas receitas de medicamentos de três entidades (cujas siglas são COMERO - SAAT - SEMET) às quais se dá um desconto de 15% no valor total da compra. O texto está escrito em português. No entanto, o conector entre as siglas utilizado é a letra “y” do espanhol (que corresponde ao “e” do português). Ao lado desse anúncio, uma propaganda de medicamentos, que são estimulantes sexuais, totalmente escrita em Língua Espanhola, como mostra a figura 18.



Figura 18: Lado a lado na farmácia (grifos meus)

As línguas misturam-se explicitamente (figura 19), por exemplo, quando se produz um cartaz para ser colocado numa vitrine de um supermercado uruguaio, os produtos anunciados aparecem assim: *galletitas rellenas* (bolachinhas recheadas), sabores *surtidos* de gelatina (sabores sortidos) e Coca-Cola (igual nas duas línguas). Além disso, o aviso oferecendo uma vaga de emprego para uma moça/senhora trabalhar no caixa, aparece como *se necesita cajera con practica*, quando no espanhol seria correto escrever *se necesita cajera con práctica*.



Figura 19: Cajera ou *cajera*? (grifo meu)

3.2.3 NAVEGANDO PELOS JORNAIS LOCAIS

Entre as muitas curiosidades no estudo da identidade cultural dessas pessoas que moram num cenário atípico, encontro os *sites* oficiais das duas prefeituras que contêm um link para a prefeitura vizinha, ou seja, quem está navegando pelo *site* da prefeitura santanense pode acessar o correspondente da prefeitura riverense sem sair da página. Isso também acontece com os jornais locais, ou seja, é possível visualizar na primeira página do jornal *A Platéia* um ícone para acessar a revista eletrônica *derivera.com.uy*, assim como também a *TV 10 Rivera*. A recíproca também é verdadeira, pois isso acontece dos dois lados da fronteira.



Figura 20: Anunciando no jornal local (grifos meus)

O jornal *A Platéia* é o mais antigo da cidade de Santana do Livramento. Ele circula há 66 anos e, desde 2003, também o faz em versão on-line. Por ser um meio de comunicação brasileiro, é redigido na Língua Portuguesa, porém, dentre os seis editoriais que apresenta, um aparece sob a denominação de *Espanhol* e é veiculado nessa língua, sendo que o próprio título combina as duas línguas em questão.



Figura 21: No meio das notícias (grifo meu)

Outro veículo da mídia impressa analisado é o *Jornal Liberal* que existe desde o ano de 1993. Esse jornal é o único impresso oficial da cidade brasileira do Chuí, com circulação mensal redigido na Língua Portuguesa e que alterna colunas escritas em espanhol, nos mais variados temas. O jornal apresenta assuntos do interesse local, privilegia o comércio dos dois lados da linha divisória, anuncia serviços de profissionais liberais e tem uma seção de anúncios classificados que contempla as duas comunidades em questão.



O TEMPO NO FINAL DE SEMANA
A grande e de día predominantemente nublado. Despertando en un día de calor. Máximas de 14° a 16° e mínimas de 23° a 28°. Umidade de 36% a 79%. Ventos de sueste, variando de leve a moderados.

Jornal *Diário da Comunidade de Rio Grande* **Chuf**
LIBERAL

LOS 150 AÑOS DE LA CIUDAD VITORIENSE ¿CÓMO CONSTRUIR EL FUTURO?

Enrique María Escoto Colla

Pensar una ciudad implica tener la visión de un futuro compartido y haber desarrollado la capacidad de actuar unidos para impulsar un determinado proyecto. Por lo general, en los tiempos modernos, aparece, también, la necesidad de abordar soluciones nuevas para problemas conocidos de un grupo humano.

El término ciudad proviene del griego *citios*, es que la colectividad se autogobierna y define los caracteres de un estado.

Estados como los de Chilea, Rusia y los Estados Unidos para hacer notar la notable importancia que en el surgimiento de las ciudades tuvo el factor agrícola. No el único, ni el determinante, aunque mostrándose con frecuencia unida las civilizaciones mesopotámicas y otras, formadas hace 6.000 años.

Nuestros tiempos fueron otorgados a españoles y portugueses y entraron principalmente las rutinas inglesa y francesa, sentándose bases para el desarrollo de nuestras primeras formas comerciales, industriales y para la formación del mercado. Los programas alcanzados hasta hoy, estos siglos sin los frutos del tesoro y las volutas de la guerra, si no se hubiera copiado las acciones en el conocimiento y si no se hubiera contado con la mano de obra esclavizada.

De esta manera nacieron nuevas ciudades de nuestros tiempos, así como por el favor de sus habitantes.

Las ciudades crecieron gracias a la mano de obra, de resistencia en la ciencia, la salud, el trabajo, los estudios y el deporte.

Santa Viteria de Balsa creció en su espíritu en los 150 años de su fundación. Sus hijos crearon un espíritu latino, que sus hermanos estadounidenses nos tienen ahora.

Lo que ha de ser esta ciudad -y tantas otras- en el tiempo por llegar dependerá de muchos elementos. Pero, seguramente, más de lo que piden, más y otros espacios y maneras hacer, para hacer un destino más humano, más justo, más flexible de nosotros y más capaces compartidos.

Señaló Séneca que "Construir una ciudad lleva una generación. Destruirla, sólo una hora". Alude a un tiempo imperal, como el ordenado contra Cartago. Siglos después, en obras seguidas, juntas atléticas y otras, de último impacto, siguen creando sobre poblaciones civiles, generando el alma de lo que el hombre debiera tener soñado.

Si la guerra contra un riesgo sobre cualquier ciudad, existe un estado físico de crisis puede producir la muerte por hambre, enfermedades crónicas, epidémicas y otras, no estando lejos el mundo occidental, atacado en los siglos pasados, primero y en las áreas rurales.

Se trata de cuestiones actuales, breves a pensar las ciudades en el intercambio fructuoso de sus ciudadanos, autoridades de asociación electas y grupos especializados. A pensarlas y desarrollarlas salvaguardando el interés público.

Rubens, copista poeta del establecimiento francés, produjo un pensamiento que se apropiado para la celebración vitoriana. Contó a desarrollar el alma de la ciudad futura, en un mundo nuevo. "A *l'avenir, après d'une ardente patience, nous construirons une splendide ville.*" ("Al *avanzar, después de una ardiente paciencia, construiremos una espléndida ciudad.*")

La filosofía en un siglo veintiuno: podrá construirse -paralelamente a Pablo Neruda- "en la espléndida ciudad que dará luz, justicia y dignidad a los hombres".

Será por un acto consciente y deliberado, soberano, autónomo, participativo e integrador, de manos tendidas y en común. Una empresa nueva que justifica la espera de la acción del viejo poeta. Y que muestra los valores y la fuerza de un gran pueblo.

enriquecolla@hotmail.com

O Progresso é um resultado

Genivaldo Ribeiro*

Se devesse apontar qual a frase que mais tenho ouvido nos últimos dois anos, não hesitaria em afirmar que surge nos contextos que temos mantido com investidores que atuam para o estado. Ela expressa, de alguma forma, o fato de que a decisão de investir no Rio Grande do Sul tem como causas principais a qualidade de vida e dos recursos humanos, a posição geográfica privilegiada, e as estratégias de desenvolvimento que adotamos.

O progresso econômico e social não é uma opção. Se fosse, não haveria atraso e pobreza. O progresso é o resultado de decisões certas e de medidas bem adotadas que produzam resultados positivos nessa direção. Sempre tem pessoas, por exemplo, que as dificuldades enfrentadas pelo Estado Sul do Rio Grande do Sul decorriam de fatores externos e de políticas públicas equivocadas. Por isso, desde que assumimos o governo rio-grandense, procuramos promover o desenvolvimento integrado do Estado, com ênfase para a atração de investimentos produtivos as regiões mais necessitadas.

Estamos sendo muito bem sucedidos nesse intuito. O Rio Grande do Sul tem-se constituído, nos últimos dois anos, em campo de atração de empreendimentos dos mais variados portes. E a Metade Sul tem recebido grande importância dessa natureza, que se concentra no campo produtivo local (desenvolvimento da base industrial, melhoria do frigorífico, expansão da agricultura, adoção de tecnologias e programas de legalização ambiental) e em novas alternativas de exploração econômica das potencialidades regionais.

Entre estas últimas, vale citar os expressivos empreendimentos de base florestal, que em curto prazo representam nova riqueza regional, dentre os quais estão os investimentos da Anacis e da Votorantim e o surgimento de um novo pólo metal-mecânico no Estado com a instalação de dois importantes consórcios em Rio Grande. A expansão das exportações brasileiras tornou inevitável uma grande ampliação da marinha mercante nacional. Fomos atrás desses empreendimentos porque estão previstos encomendas de quatro docas de petroleiros nos próximos meses e as instalações de Rio Grande estarão em condições de produzir navios de até 350 metros. São negócios que montam a mais de um milhão de dólares, nos quais se soma a demanda por plataformas de petróleo.

Ainda festejamos a decisão do Queiroz Galvão de construir, em Rio Grande, a plataforma P053. Essa só será construída lá porque lá se constrói um pólo em condições de produção. Para a plataforma serão investidas US\$ 200 milhões, gerando inicialmente 500 postos de trabalho e, em dez meses, 2000 empregos diretos. Estamos em que o total de empregos de indústria na região ultrapassou os 5 mil pelo

Figura 22: No jornal local

4 AMARRANDO AS PONTAS...

Temos visto, até aqui, acompanhando o pensamento de alguns autores pós-modernos, como os indivíduos são socialmente construídos e constituídos por uma variedade de discursos, códigos e imagens.

Nesta seção procuro articular as análises e as leituras realizadas, no sentido de amarrar as pontas, costurar as seções e apresentar alguns resultados.

4.1 SER OU NÃO SER FRONTEIRIÇO

Como já foi visto no decorrer deste trabalho, as identidades conformam-se sobre as diferenças e seus contrastes. Mesmo levantando a bandeira da identidade nacional, sempre há “maneiras” de sentir, pensar e viver o pertencimento nacional. Esse é um fato particularmente crítico nas regiões de fronteira.

Ao falar de zonas fronteiriças, falamos de zonas híbridas, babélicas, nas quais os contatos organizam-se e re-organizam-se de acordo com as situações e as necessidades locais. A partir da fronteira, os moradores têm a possibilidade de constituir outras “identidades” que são de outra cultura, favorecendo assim identidades fronteiriças.

Se pensarmos a cultura nacional como Hall discute (2001), como sendo um discurso ou um modo de construir sentidos pelo quais os indivíduos organizam suas ações, fica evidente a intensidade e a força da construção cultural na zona de fronteira.

Se, em algum momento da história do Uruguai e Brasil, as fronteiras serviram para limitar, separar ou bloquear, hoje não é esse seu único papel: estão dispostas também a juntar, integrar, cooperar, complementar e compartilhar. Nessa perspectiva, as intensas relações sociais que se desenvolvem nos contextos fronteiriços em questão, o trânsito permanente e em duas vias de pessoas, mercadorias e códigos culturais, deixam em evidência que essa identidade regional

não é sinônimo de homogeneidade entre as partes, mas, talvez sim, de uma certa unidade na diversidade.

Nesse caso, os discursos dos brasileiros e uruguaios, que dividem os cenários fronteiriços, são indicativos de uma interação que é sustentada por uma identidade fronteiriça, que enfoca as duas matrizes de sua formação: a lusa e a platina e que, sem excluir as identidades nacionais, pressupõe uma interligação entre elas em que, aparentemente, as diferenças coexistem sem conflitos severos. Essas pessoas são capazes de conviver com legislações, línguas, moedas, costumes e até horários diferentes e, mesmo assim, fazer disso tudo um “privilegio”. Nascer do lado de *cá-acá* e casar do lado de *lá-allá* é possível, comum e corriqueiro. Vibrar com as campanhas políticas das duas nações, com os respectivos ritmos carnavalescos e entoar dois hinos nacionais fazem parte da rotina desses sujeitos. Há um aparente respeito pelas tradições dos dois lados da linha divisória, a ponto de serem comemorados bilateralmente. Para tentar compreender melhor a des/construção dessas identidades fronteiriças tão atípicas, tive que me deter nas questões lingüísticas, nos seus usos e respectivos prestígios; nas situações criadas pela estreita convivência que trazem consigo a marca do hibridismo, com todos seus dilemas.

Quando as pessoas fazem referência ao *portunhol* ou *DPUs* (Dialeto Português do Uruguai), o fazem com conotações de des/prestígio, dependendo do lugar do qual estão falando. Parece-me que, visto pelos uruguaios, há sim uma certa discriminação, o que não é tão evidente na ótica dos brasileiros. Talvez isso ocorra pela própria extensão dos dois países, apenas 500 quilômetros e quase nenhuma variante da Língua Espanhola separam a fronteira de Montevidéu, capital do Uruguai. No caso do Brasil, as distâncias enormes e as diversidades lingüísticas das diferentes regiões são marcas registradas deste país continente, assim, o portunhol é considerado mais uma variação. Os *DPU* não têm regras fixas, pois são instáveis, podem ser encontrados em várias versões numa mesma região, se usados no campo, na cidade, nos bairros, entre os jovens, oferecendo diferenças inclusive de uma cidade para outra. Apesar disso, chegamos à conclusão de que todos o entendem, mesmo que não o pratiquem, sendo considerado, sem dúvida, o canal de comunicação mais efetivo nessas regiões fronteiriças.

O universo das imagens e das palavras que povoam o ambiente através de jornais, cartazes, painéis, anúncios apela, também, à mente e ao coração dos

moradores fronteiriços, ao mesmo tempo em que coloca em destaque as duas realidades (com todas as características que as individualiza).

Algumas medidas recentes têm sido adotadas por parte dos governos brasileiro e uruguaio para legitimar o que parece bastante consolidado: a identidade fronteiriça. Como exemplo, cito o Decreto 5105 (ver na íntegra no anexo I), assinado no dia 14 de junho de 2004, que promulga o Acordo entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios. As pessoas devem cumprir alguns requisitos básicos para serem contempladas nesse Acordo: morar em uma zona fronteiriça de até 20 km da linha divisória da fronteira, ter endereço fixo, não possuir antecedentes criminais em nenhum dos dois países, ter ingressado nessas regiões antes do dia 15 de março de 2002. Essas pessoas beneficiam-se de um documento de identidade "fronteiriço" que dá direito ao livre trânsito pela região, a estudar, trabalhar, morar, receber benefícios da Previdência Social, ter assistência de saúde pública, adquirir propriedade de imóveis e de automóveis.

As redes discursivas, que se estendem nessas zonas de fronteira, são ricas em diversidade. As falas apresentadas podem ser colocadas em diversas discussões e interpretadas em sistemas discursivos diferentes, porém elas explicitam uma vontade de construção identitária, uma vontade de estabelecer parâmetros de semelhança e afinidade e até de resgatar dentre os conflitos do passado, elos culturais bastante fortes como a figura do gaúcho, o costume do chimarrão/mate e a paixão pelo futebol (diferenças à parte), por exemplo. Nessa perspectiva, "as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais, conhecimento e crença" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104).

A posição que esses sujeitos ocupam é ambígua: ao mesmo tempo em que adquirem certos poderes como o bilingüismo, o voto binacional, a dupla cidadania (*double chapa*), a livre circulação nos dois territórios, também vivenciam alguns conflitos. Assim, o discurso da irmandade provém, talvez, da inexistência de obstáculos físicos como limite entre as comunidades, dos contatos inevitáveis que esse fato acarreta e da necessidade que uns têm de buscar nos outros aquilo que lhes falta ou que lhes é precário já que, segundo Hall: "toda identidade tem

necessidade daquilo que lhe “falta” - mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (2000, p. 110).

Duschatzky & Skliar afirmam que

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade, etc. e para não sermos nós mesmos, bárbaros, hereges, mendigos (2001 p. 124).

Nessa assertiva, a marcante presença do estrangeiro fragmenta-se, parece diluir-se nesse cenário de fronteira, dando lugar ao contato com o outro, com a diferença. Assim, Lara Ferre diz:

“Simplesmente porque o que salta aos olhos quando olhamos o mundo de hoje é, precisamente, a realidade de que nosso mundo é um mundo no qual a presença de seres diferentes aos demais, diferentes a esses demais caracterizados pelo espelhismo da normalidade, é vivida como uma grande perturbação”.

E mesmo que seja possível que cada um de nós (...) produzamos sempre com nossa presença alguma perturbação que altera a serenidade ou a tranquilidade dos demais, nada há de tão perturbador como aquilo que a cada um lembra seus próprios defeitos, suas próprias limitações, suas próprias mortes; é por isso que as crianças e os jovens perturbam os adultos; as mulheres, os homens; os fracos, os fortes; os pobres, os ricos; os deficientes, os eficientes; os loucos, os cordatos; os estranhos, os nativos... E, talvez, vice-versa “(2001, p. 197-198)”.

Para finalizar – sem concluir – ressalto que os discursos circulantes no espaço fronteiriço investigado contribuem para a constituição das identidades fronteiriças bem como das identidades nacionais. Esse universo híbrido requer, solicita e exige competências de tradução cultural, portanto também lingüística, dos fronteiriços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURQUERQUE JR., D. M. *Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil*. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (org). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Londres: Verso, 1993.

APPEL, René, MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1999.

BHABHA, K, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BARBOSA, Campos de Gabriela. **Atitudes lingüísticas e identidades na fronteira Brasil-Colômbia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2004.

BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. **Cultural Studies and Discourses Analysis. A dialogue on language and identity**. London: Sage, 2001.

BARRIOS, Graciela. **Políticas lingüísticas en el Uruguay: Estándares Vs. Dialectos en la región fronteriza Uruguayo-Brasileña**. ABRALIN. Associação brasileira de lingüística. Brasília, n. 24, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.unb.br>>. Acesso em: jun de 2006.

_____; PUGLIESE. Leticia. **Política lingüística en el Uruguay: las campañas de defensa de la lengua**. In: **Estudios de lingüística del español**. Vol. 23. 2006. Disponível em <<http://www.rediris.es/redires/index.es.html>>. Acesso em: ago de 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**: Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEM, de Guedes L. Berenice. **O gaúcho, a dominação masculina e a educação na fronteira sul-rio-grandense: o passado no presente**. UFPEL, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, 2004.

BERMUDEZ, Martino de Solange Mónica. **Famílias, gênero e integração regional: um exemplo no Mercosul - cidade Rivera-Sant'Ana do Livramento-Uruguaí**. Campinas: UNIESC, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

_____. **Testemunha ocular: historia e imagem**. SP: Edusc, 2004.

CANCLINI, Nestor. Noticias recientes sobre la hibridación. **Revista Transcultural de Música /Transcultural Music Review**. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com>> Acesso em ago de 2006.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa M.; H. SOMMER, Luís H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de educação**. Campinas, nº 23 p.36-61 mai/jun/jul/ago 2003.

DUSCHATZKY, Silvia & SKLIAR, Carlos. **O nome dos outros: Narrando a alteridade na cultura e na educação**. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (org). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L. & BARRIOS, G. **Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay**. Montevideu: Editorial Amesur, 1987.

GARCEZ, Pedro. M & Zilles, Ana Maria. **Estrangeirismos: desejos e ameaças**. In: FARACO, Carlos A (org). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola editorial, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FERRARI, Maristela. **Conflitos e povoamento na zona de fronteira internacional Brasil-Argentina: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) Bernardo Irigoyen (Mnes. Arg.)**. UFSC, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Santa Catarina, 2003.

GRIMSON, Alejandro. **Los Flujos de la Fronterización. Una etnografía histórica de la nacionalidad en Uruguayana (Brasil) - Paso de Los Libres (Argentina)**. UnB, 2002. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2003.

GUIDORIZZI, Andrade de A. Cleovia. **Português e Espanhol: Línguas em Contato na Fronteira Brasil / Bolívia**. PUCSP, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.22, nº 2, p. 15-46, jul /dez.1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A Formação de um Intelectual Diaspórico.** In: **Da Diáspora Identidade e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; 2003.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MULLER, Karla Maria. **Mídia e fronteira.** Jornais locais em Uruguaiiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ORTIZ, Perez. César. **A Tríplice Fronteira Argentina Brasil-Paraguai. Uma aproximação às representações jornalísticas sobre um espaço sociocultural.** Brasília: UnB, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2004.

LARA FERRE, Nuria. **Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta.** In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (org). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREIRA, do V.H. Jacira. **Educação e fronteira: processos identitários de migrantes de diferentes etnias.** USP, 2002. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2002.

PESAVENTO, Jatahy, Sandra. **Fronteiras do milênio.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

_____. **Fronteiras culturais.** São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

PINTO, Salles Henrique. **Evolução e Colaboração da Esquerda Latino-Americana: uma Análise Comparativa Entre o Partido dos Trabalhadores (Brasil) e a Frente Ampla (Uruguai).** UnB, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de Brasília, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola, 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANCHEZ, Quadrelli Andrea. **A Fronteira Inevitável. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de**

uma perspectiva antropológica. UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SANTA BÁRBARA, de J. Marcelo. **Descaminhos Brasileiros em Terras Paraguias: Territórios e Jogos de Identidade.** UFF, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal Fluminense, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVEIRA, Rosa M.H. **Ser gaúcho/a, escola e Vinte de Setembro.** In: AZEVEDO, J.C; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia (orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/ Secretaria de Educação, 2000.

STURZA, Rosa E. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras.** In: **Ciência & Cultura.** Vol. 57 n°2. São Paulo abr./jun 2005. Disponível em: <<http://www.cienciaeculturabvs.br/scielo.php>>. Acesso em jun 2006.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://www.wikipedia.com.br>> Acesso em 22 jan.2007.

XAVIER, Antonio Carlos. CORTEZ, Susana. **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística.** São Paulo: Parábola, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - MODELO DE QUESTIONÁRIO (LÍNGUA PORTUGUESA)

Estimado (a) colaborador (a):

Meu nome é Silvia Molinari, sou uruguaia de Montevidéu, naturalizada brasileira e moro no Brasil desde 1974. Neste momento estou fazendo uma pesquisa para meu curso de Mestrado na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Meu assunto é: Brasilguaios ou urugualeños: pedagogia cultural na fronteira traduzida em imagens e palavras.

Para colher dados, preciso da valiosa colaboração de pessoas como você, nascida, alfabetizada e que mora numa comunidade fronteiriça.

As identidades serão preservadas, mas é necessário completar os dados. Para responder, pode enumerar as respostas.

Desde já agradeço muito.

Solicito a gentileza de enviar a resposta para:

silvialmsd@hotmail.com

silvialmsd@feevale.br

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ e- mail: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Lugar de nascimento: _____

Escolaridade: _____

Atividade profissional: _____

Lugar de residência atual: _____

- 1) Em que língua foi alfabetizado?
- 2) Você se considera bilingüe?
- 3) Qual é a língua que predomina nas suas relações sociais?
- 4) O “*portunhol*” é uma realidade na fronteira, facilita ou complica sua comunicação? Como?
- 5) Qual (ais) é (são) sua(s) identidade(s) mais forte(s)? (*latinoamericano, brasileiro, fronteiriço, etc*).
- 6) Faça um breve relato de como se sente morando numa comunidade de fronteira.

ANEXO B - MODELO DE QUESTIONÁRIO (LÍNGUA ESPANHOLA)

Estimado(a) colaborador(a):

Mi nombre es Silvia Molinari, soy uruguaya de Montevideo, naturalizada brasileña y vivo en Brasil desde 1974. En este momento estoy haciendo una investigación para mi curso de Maestría en la Universidad Luterana do Brasil (ULBRA).

Mi tema es: Brasilguaios o uruguafeños: pedagogía cultural en la frontera traducida en imágenes y palabras.

Para recoger datos, preciso de la valiosa colaboración de personas como usted, nacida, alfabetizada y que vive en una comunidad fronteriza.

Las identidades serán resguardadas, pero sí es necesario completar los datos. Para responder, puede enumerar las respuestas.

Desde ya, agradezco mucho.

Solicito la gentileza de enviar la respuesta para:

silvialmsd@hotmail.com

silvialmsd@feevale.br

CUESTIONARIO

Nombre:

mail:

Sexo:

Edad:

Nacionalidad:

Lugar de nacimiento:

Escolaridad:

Actividad profesional:

Lugar de residencia actual:

- 1) ¿En qué lengua fue alfabetizado?
- 2) ¿Usted se considera bilingüe?
- 3) ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?
- 4) El “*portuñol*” es una realidad en la frontera, ¿facilita o complica su comunicación? ¿Cómo?
- 5) ¿Cuál es(son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)

- 6) Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera.

ANEXO C - QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Nombre: Eduardo

Sexo: masculino.

Edad: 57 años.

Nacionalidad: oriental.

Lugar de nacimiento: Rivera, Uruguay.

Escolaridad: terciaria completa.

Actividad profesional: abogado / funcionario público.

Lugar de residencia actual: Rivera, Uruguay.

1) ¿En qué lengua fue alfabetizado?

Castellano.

2) ¿Usted se considera bilingüe?

No.

3) ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?

Castellano.

4) El “portuñol” es una realidad en la frontera, ¿facilita o complica su comunicación? ¿Cómo?

Facilita la comunicación y comprensión de la realidad brasileña.

5) ¿Cuál es(son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)

Uruguayo.

6) Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera. *Siento que tengo la posibilidad, sin salir de “casa”, de tener una visión de un país diferente, otras costumbres, distintos valores y gentes que, más allá de que pueda o no compartir, me sirven como conocimiento, riqueza personal y, porqué no, como factores que incidan en cambios en este lugar.*

Nombre: Emerson

Sexo: masculino.

Edad: 58 años.

Nacionalidad: oriental.

Lugar de nacimiento: Rivera, Uruguay.

Escolaridad: terciaria completa.

Actividad profesional: Abogado, Defensor de Oficio y actividad privada

Lugar de residencia actual: Rivera

1) ¿En qué lengua fue alfabetizado?

En español.

2) ¿Usted se considera bilingüe?

No sé qué significa...que entiendo otro idioma que no es el mío, si es así, puedo decir que sí, soy bilingüe.

3) ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?

Español.

4) El “portuñol” es una realidad en la frontera, facilita o complica su comunicación? ¿Cómo?

En cuanto a realidad, es un hecho, que existe, claro que existe!

5) ¿Cuál es(son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)

Uruguayo, latinoamericano.

6) Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera.

Bien, normal. Sin dificultades de comunicación o adaptación. Desde luego que cuestiono la mentalidad fronteriza...²⁴

²⁴ O colaborador enviou o questionário pela Internet, ficou faltando finalizar a resposta.

Nombre: Renato

Sexo: masculino.

Edad: 59 años.

Nacionalidad: oriental.

Lugar de nacimiento: Tacuarembó (desde pequeño residiendo en Rivera)

Escolaridad: Egresado de la Universidad del Trabajo (Universidad de la República del Uruguay)

Actividad profesional: Empleado público

Lugar de residencia actual: Rivera

- 1) ¿En qué lengua fue alfabetizado?
En castellano.
- 2) ¿Usted se considera bilingüe?
No me considero bilingüe.
- 3) ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?
Castellano
- 4) El “portuñol” es una realidad en la frontera, ¿facilita o complica su comunicación? ¿Cómo?
No complica, lo entiendo pero no lo hablo.
- 5) ¿Cuál es(son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)
Uruguayo.
- 6) Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera.
Me siento muy bien, dado que tengo familiares de muchos años de vivir en la frontera. Y además de gustarme el lugar físico donde vivo, no me molesta la forma de hablar y de vivir de la frontera.

Nombre: Antonio
Sexo: masculino.
Edad: 53 años.
Nacionalidad: oriental.
Lugar de nacimiento: Montevideo
Escolaridad: Enseñanza primaria completa.
Actividad profesional: Empleado público
Lugar de residencia actual: Rivera

- 1) ¿En qué lengua fue alfabetizado?
En castellano.
- 2) ¿Usted se considera bilingüe?
No me considero bilingüe.
- 3) ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?
Castellano
- 4) El “portuñol” es una realidad en la frontera, ¿facilita o complica su comunicación? ¿Cómo?
No complica, lo entiendo .Al principio cuando llegué no lo entendía, ahora sí, pero no lo hablo.
- 5) ¿Cuál es (son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)
Uruguayo.
- 6) Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera.
Me siento bien, me adapté a la vida de la frontera.

ANEXO D - ENTREVISTADO MASCULINO (EM)

Nome: Milton
 Data de nascimento: 26/01/45
 Lugar de nascimento: Santana do Livramento
 Profissão: Aposentado
 Idade: 61
 Sexo: masculino

E: Onde nasceste?

C: Em Santana do Livramento. Fui registrado no Uruguai como se nascido fosse na cidade de Rivera, no mesmo dia (26 de janeiro), mas em ano diferente (1944). Nunca soube o motivo deste fato, acredito que tenha sido um engano do meu pai.

E: És de família uruguaia ou brasileira?

C: Filho de pais uruguaios, neto de avó paterna brasileira. Tinha alguns tios brasileiros e outros uruguaios. Os primos eram todos uruguaios.

E: Em que língua foi alfabetizado?

C: No Uruguai, em espanhol, em escola particular, com a mesma professora desde a 2ª até a 6ª série (a mãe me ensinou a ler e escrever em casa). A professora não misturava as línguas. As crianças, sim. Os conteúdos eram exclusivamente do Uruguai, não aprendi nada do Brasil.

Em casa se falava “portunhol”, a mãe era dona de casa e o pai tinha uma fábrica de caixões de defuntos. Tinha um irmão mais velho que também falava portunhol.

Tenho muito claros alguns exemplos da minha infância:

- deu um baita “choque” lá na esquina (**batida de carro**)

Era comum ouvir o seguinte diálogo entre os meninos quando brincávamos na rua:

- Vamos “jugar bolita?” (**bolinha de gude**)

- Vamos, às “**brinca**” (de brincadeira) o às “**deva**” (de verdade)

Estas expressões eram usadas direto:

- Vê se lava esses “escarpín” (**meias**)

- “Mujer” levanta “bomba” (**pandorga redonda com franja e com rabo**)

- “Hombre” levanta “marimbondo” (**pipa quadrada, à que se colocava um “roncador” que fazia um som parecido com o marimbondo**).

E: Te consideras uma pessoa bilíngüe? Por quê?

C: Sim, em função da minha vivência no Brasil nos últimos 39 anos, domino totalmente a fala e a escrita dos dois idiomas, e o que é pior, às vezes os uso indistintamente, em ambientes onde não poderia fazê-lo.

E: O portunhol é uma realidade na fronteira, isto facilita ou complica a comunicação?

C: Sim, é uma realidade. Creio que facilita a comunicação, embora seja falado por camadas sociais mais baixas (um “doctor” não fala portunhol).

No comércio, hoje em dia, os balconistas atendem em espanhol (em Rivera), mas se precisar se comunicar em português o fazem muito bem.

E: Pode complicar a comunicação?

C: Creio que não, embora não sejam todas as pessoas que falam portunhol, cem por cento delas o entendem, quando há alguma dificuldade de comunicação, as pessoas apelam às três maneiras de comunicar-se, se não dá pé em espanhol, vai em português e se mesmo assim, não resolve, lançam mão do portunhol. Com uma das três modalidades vai sair conversa.

E: Qual é a tua identidade mais forte? Latino-americano, brasileiro ou fronteiriço?

C: Sem dúvida, fronteiriço, porque me identifico com as duas cidades.

(Rivera /Santana). Por exemplo, o meu time é 14 de Julho (de Livramento), tenho time em Montevideú, mas não tenho time em Rivera. As questões da pátria (comemorações) de Uruguai me tocam, me identificam muito com o Uruguai. Era toda uma honra ser “abanderado” (**carregar a bandeira nacional**) nas festas cívicas.

-Em 1970, as seleções de Uruguai e Brasil jogaram e Brasil ganhou 4 a 2, fiquei muito dividido na hora de torcer.

Lembro de fatos muito marcantes dos dois países: a morte de Getúlio (1954) e a primeira vitória do Partido Blanco (1958), no Uruguai.

E: Nascestes e foste criado na fronteira. Como te sentes por causa disso?

C: Sempre curti muito este “privilégio”

Alguns fatos curiosos:

- escutar as notícias no rádio só da Rádio Internacional de Rivera (CW 43 b);
- ler notícia de jornal, só do A Platéia (Livramento), a pesar da existência do diário Norte (Rivera).
- ouvir a novela no *Rádio Carve* (Montevideú)
- ir ao cinema em Santana para ver filmes cômicos brasileiros (Mazzaroppi)
- as compras de armazém sempre eram feitas do lado brasileiro (era mais barato)
- só comprávamos carne de ovelha do lado brasileiro, do lado uruguaio não tinha.
- minha mãe comprava os tecidos nas Lojas Pernambucanas (Brasil), e levava na “modista” (Uruguai) para confeccionar as roupas segundo o “*catálogo*” (**catálogo**) da LONDON-PARIS (famosa e tradicional loja de departamentos de Montevideú).(grifo meu)
- Nos bailes, lembro que se tocavam “as marchinhas” (Santana)
- Nos desfiles de rua (“Corso”) desfilavam “las murgas” (Rivera)
- A vida noturna era e é sempre em Rivera (as calçadas são largas, próprias para cadeiras e mesas e circulação de pessoas). Em Santana é o contrário.
- Hoje em dia, os ritmos no carnaval são misturados, como o carnaval acontece simultaneamente nos dois países, há um revezamento dos blocos, escolas de samba, murgas, tambores, etc.

E: Por favor, resume em poucas palavras o sentimento de ser fronteiro.

C: É legal ter duas pátrias, duas bandeiras, duas nacionalidades, duas moedas, dois horários, poder sentir-se estrangeiro nos dois lugares sem sê-lo em nenhum dos dois, sempre me senti confortável. Claro que nem todas são rosas, também há desentendimentos, brigas, problemas. Mas, no meu caso, me sinto bem há 61 anos nesta condição. (grifos meus)

ANEXO E – ENTREVISTADA FEMININA (EF)

Nombre: Luisa
 Sexo: Femenino
 Edad: 31 años
 Nacionalidad: Uruguaya
 Lugar de nacimiento: 19/03/1975
 Escolaridad: Superior (cursando Filosofía)
 Actividad profesional: Profesora

E: ¿En qué lengua fue alfabetizado?

EF: *En Español, siempre oyendo el portugués.*

E: ¿Usted se considera bilingüe?

EF: *Sí, hablo perfectamente los dos idiomas. Me atrevo hasta decir que pienso en las dos lenguas (risas, grifo meu)*

E: ¿Cuál es la lengua que predomina en sus relaciones sociales?

EF: *Ahora, Portugués, porque vivo del lado brasileño. Cuando voy para “casa”(la de mis padres, que viven en la frontera), hablamos otra vez todo mezclado (como es lo normal en mis pagos).*

E: El “portuñol” es una realidad en la frontera, ¿facilita o complica su comunicación?

EF: *Facilita, ya que todos en la región de frontera lo hablan.*

E: ¿Cómo facilita?

EF: *Nos hacemos entender mejor cuando hablamos en portuñol, es más usual y conocido. Cierta terminología utilizada es tan familiar que ya se ha extinguido el término correcto y muchos de los niños y jóvenes no los conocen.*

E: ¿Cuá(es)l es (son) su(s) identidad(es) más fuerte(s)? (*latinoamericano, uruguayo, fronterizo, etc*)

EF: *Uruguaya, sin lugar a dudas.*

E: Haga un breve relato de cómo se siente viviendo en una comunidad de frontera.

EF: *Siempre me sentí muy bien y siempre creí que es una suerte poder vivir en una región de frontera cuando lo sabemos aprovechar; como fue mi caso.*

El poder dominar dos idiomas, manejar dos monedas y poder vivir en dos países diferentes por simple hecho de haber nacido en la frontera es algo encantador.

La frontera te permite la facilidad de legalizarte en el país vecino por el simple hecho de fijar residencia o estudiar al otro lado. Comprar donde te suela conveniente

de acuerdo con los precios a tu favor. Tener toda una identidad más fuerte con tus raíces ya que en el momento en que se pone en juego tu verdadera nacionalidad, la patria madre siempre habla más alto y siempre es una lucha cuando se enfrentan los equipos de fútbol de ambos países; el corazón pulsa rapidito y apretado.

Y lo que es lógico, la fusión de dos idiomas hablados e intercambiados diariamente generan los cambios en la lengua de cada uno de los países; surgiendo así el dialecto. Si bien que en la frontera mal nos damos cuenta de esto, creemos siempre que estamos hablando bien el español o el portugués; es tan normal que no lo notamos como algo creado y muchas veces totalmente destorcido del término real que se originó.

Como profesora (maestra) tenía que prestar mucha atención en la enseñanza del Idioma Español, para que los alumnos no confundieran términos que le eran usuales en su cotidiano y los usaran en clase en las redacciones o trabajos escritos como correctos, además muchas veces explicar que este término no era lo correcto, y si un voseo o una jerga.

La frontera irradia toda una energía diferente hay una fusión de culturas y gustos que posibilita a sus habitantes una vivencia muy peculiar.

ANEXO F - AUTORIZAÇÃO DOS PAIS DE HÉCTOR MUÑOZ MANZONI

Novo Hamburgo, 04 de agosto de 2006

Autorización

Lauro Mendes Manzoni y Vera Luisa Muñoz Manzoni, padres de Héctor Muñoz Manzoni, autorizamos a Silvia Molinari a hacer uso de la copia de los documentos de nuestro hijo (antes mencionado) con la finalidad de incluirlos en su trabajo de investigación del curso de Maestría de la Universidad Luterana do Brasil ULBRA.



Lauro M. Manzini



Vera L. Muñoz Manzoni

ANEXO G - REGISTROS FOTOGRÁFICOS

















ANEXO H - ENCARTES DE PROPAGANDAS COMERCIAIS



Fonte: encarte publicado pelo Neutral Dutty Free Shop da cidade do Chuy – Uruguay (preços válidos do dia 1º a 31 de dezembro de 2005)

fa-fa
BOUTIQUE
 Las mejores marcas

Edmendo - Masculino - Infantil

* CAMISAS TÉRMICAS * CALÇAS DE LÃ * BUDIÃO DE LÃ
 * MANTAS DE LÃ * CHAMIZETAS * SOBRETUDO
 * COURO KAY GOL * CASACÃO

BLUSÓN **BURMA.**

Mundaka
 tu lugar

LOVA quiksilver. 
 WFO  rusty

Laguna Negra s/n 
 Tel.: 2483 - CHUY

Fonte: propaganda distribuída nas ruas das cidades de Chuí e Chuy.

ANEXO I: DECRETO N° 5.105 de 14 de junho de 2004

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 5.105, DE 14 DE JUNHO DE 2004.

Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios, de 21 de agosto de 2002.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai celebraram, em Montevideu, em 21 de agosto de 2002, um Acordo para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios;

Considerando que o Congresso Nacional aprovou esse Acordo por meio do Decreto Legislativo nº 907, de 21 de novembro de 2003;

Considerando que o Acordo entrou em vigor em 14 de abril de 2004, nos termos de seu Artigo IX;

DECRETA:

Art. 1º O Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios, concluído em Montevideu, em 21 de agosto de 2002, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo ou que acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 14 de junho de 2004; 183º da Independência e 116º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Celso Luiz Nunes Amorim

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 15.6.2004

ACORDO ENTRE O GOVERNO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O

GOVERNO DA REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI PARA PERMISSÃO

DE RESIDÊNCIA, ESTUDO E TRABALHO A NACIONAIS FRONTEIRIÇOS

BRASILEIROS E URUGUAIOS

O Governo da República Federativa do Brasil

e

O Governo da República Oriental do Uruguai

(doravante denominados "Partes"),

Considerando os históricos laços de fraterna amizade existentes entre as duas Nações;

Reconhecendo que as fronteiras que unem os dois países constituem elementos de integração de suas populações;

Reafirmando o desejo de acordar soluções comuns com vistas ao fortalecimento do processo de integração entre as Partes;

Destacando a importância de contemplar tais soluções em instrumentos jurídicos de cooperação em áreas de interesse comum, como a circulação de pessoas e o controle migratório;

Resolvem celebrar um Acordo para permissão de ingresso, residência, estudo, trabalho, previdência social e concessão de documento especial de fronteiroço a estrangeiros residentes em localidades fronteiriças, nos termos que se seguem:

ARTIGO I

Permissão de Residência, Estudo e Trabalho:

1. Aos nacionais de uma das Partes, residentes nas localidades fronteiriças listadas no Anexo de Localidades Vinculadas, poderá ser concedida permissão para:

a) residência na localidade vizinha, situada no território da outra Parte, à qual fica vinculada na forma deste Acordo;

b) exercício de trabalho, ofício ou profissão, com as conseqüentes obrigações e direitos previdenciários deles decorrentes;

c) freqüência a estabelecimentos de ensino públicos ou privados.

2. Os direitos estabelecidos neste artigo estendem-se aos aposentados e pensionistas.

3. A qualidade de fronteiroço poderá ser inicialmente outorgada por 5 (cinco) anos, prorrogável por igual período, findo o qual poderá ser concedida por prazo indeterminado, e valerá, em qualquer caso, exclusivamente, nos limites da localidade para a qual foi concedida.

ARTIGO II

Documento Especial de Fronteiroço

1. Aos indivíduos referidos no artigo anterior poderá ser fornecido documento especial de fronteiroço, caracterizando essa qualidade.

2. A posse do documento especial de fronteiroço não dispensa o uso dos documentos de identidade já estabelecidos em outros acordos vigentes entre as Partes.

ARTIGO III

Concessão

1. Compete ao Departamento de Polícia Federal do Brasil e à Direção Nacional de Migrações do Uruguai conceder o documento especial de fronteiroço, respectivamente.

2. Do documento especial de fronteiroço constará a qualidade de fronteiroço e a localidade onde estará autorizado a exercer os direitos previstos neste Acordo e outros requisitos estabelecidos por ajuste administrativo entre o Ministério da Justiça do Brasil e o Ministério do Interior do Uruguai.

3. O documento especial de fronteiroço permite residência exclusivamente dentro dos limites territoriais da localidade fronteiroça a que se referir.

4. Para a concessão do documento especial de fronteiroço serão exigidos:

a) passaporte ou outro documento de identidade válido admitido pelas Partes em outros acordos vigentes;

b) comprovante de residência em alguma das localidades constantes do Anexo deste Acordo;

c) documento relativo a processos penais e antecedentes criminais nos locais de residência nos últimos 5 (cinco) anos;

d) duas fotografias tamanho 3x4, coloridas e recentes;

e) comprovante de pagamento da taxa respectiva.

5. Não poderá beneficiar-se deste Acordo quem tiver sofrido condenação criminal ou esteja respondendo a processo penal nas Partes ou no exterior.

6. Mediante ajuste administrativo entre o Ministério da Justiça do Brasil e o Ministério do Interior do Uruguai poderá ser detalhada ou modificada a relação de documentos estabelecidos no parágrafo 4.

7. No caso de menores, o pedido será formalizado por meio de representação ou assistência.

8. Para a concessão do documento especial de fronteiroço serão aceitos, igualmente, por ambas as Partes, documentos redigidos em português ou espanhol.

ARTIGO IV

Cancelamento

1. A qualidade de fronteiroço será cancelada, a qualquer tempo, ocorrida uma das seguintes hipóteses:

a) perda da condição de nacional de uma das Partes;

b) condenação penal em qualquer das Partes ou no exterior;

c) fraude ou utilização de documentos falsos para sua concessão;

d) obtenção de outro status imigratório; ou

e) tentativa de exercer os direitos previstos neste Acordo fora dos limites territoriais estabelecidos no Anexo.

2. O cancelamento acarretará o recolhimento do documento especial de fronteira pela autoridade expedidora.

3. As Partes poderão estabelecer outras hipóteses de cancelamento da qualidade de fronteira.

ARTIGO V

Outros Acordos

1. Este Acordo não modifica direitos e obrigações estabelecidos por outros acordos e tratados vigentes.

2. O presente Acordo não obsta a aplicação nas localidades nele abrangidas de outros tratados ou acordos vigentes.

3. Este Acordo não se aplica a qualquer localidade que não conste expressamente do seu Anexo de Localidades Vinculadas.

ARTIGO VI

Anexo de Localidades Vinculadas

1. A lista de localidades fronteiriças e das respectivas vinculações para aplicação do presente Acordo é a que consta do Anexo, podendo ser ampliada ou reduzida por troca de notas entre as Partes, com antecedência de 90 (noventa) dias.

2. A ampliação da lista estabelecida no Anexo somente poderá contemplar aquelas localidades situadas em uma faixa de até 20 (vinte) quilômetros da fronteira e dependerá da concordância de ambas as Partes. A ampliação poderá contemplar a totalidade ou parte dos direitos previstos no Artigo I.

3. Cada Parte poderá, a seu critério, suspender ou cancelar unilateralmente a aplicação do presente Acordo em quaisquer das localidades constantes do Anexo, por meio de nota diplomática com antecedência de 30 (trinta) dias. O cancelamento ou suspensão poderá referir-se também a quaisquer dos incisos do Artigo I do presente Acordo.

4. A suspensão ou cancelamento da aplicação deste Acordo, previstos no inciso 3, não prejudica a validade dos documentos especiais de fronteira já expedidos, assim como o exercício dos direitos deles decorrentes.

ARTIGO VII

Extinção de Penalidades

Ficam extintas as penalidades administrativas aplicadas ou aplicáveis na data da entrada em vigor deste Acordo em razão da permanência irregular das pessoas que tenham ingressado até 15 de março de 2002 nas localidades mencionadas no Anexo.

ARTIGO VIII

Estímulo à Integração

Cada uma das Partes poderá ser tolerante quanto ao uso do idioma da outra Parte pelos beneficiários deste Acordo quando se dirigirem a órgãos ou repartições públicas para reclamar ou reivindicar os benefícios dele decorrentes.

ARTIGO IX

Vigência

Este Acordo entrará em vigor na data da troca dos instrumentos de ratificação pelas Partes.

ARTIGO X

Denúncia

O presente Acordo poderá ser denunciado por qualquer das Partes, com comunicação escrita, transmitida por via diplomática, com antecedência mínima de 90 (noventa) dias.

ARTIGO XI

Solução de Controvérsias

Qualquer dúvida relacionada à aplicação deste Acordo será solucionada por meios diplomáticos, com respectiva troca de notas.

Feito em Montevidéu, em 21 de agosto de 2002, em dois exemplares originais, nos idiomas português e espanhol, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

PELO GOVERNO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL Celso Lafer Ministro das Relações Exteriores	PELO GOVERNO DA REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI Didier Operti Badán Ministro das Relações Exteriores do Uruguai
--	---

ANEXO DE LOCALIDADES VINCULADAS

Relação de Vinculação das Localidades Fronteiriças

1. Chuí, Santa Vitória do Palmar/Balneário do Hermenegildo e Barra do Chuí (Brasil) a Chuy, 18 de Julho, Barra de Chuy e La Coronilla (Uruguai);
2. Jaguarão (Brasil) a Rio Branco (Uruguai);
3. Aceguá (Brasil) a Aceguá (Uruguai);
4. Santana do Livramento (Brasil) a Rivera (Uruguai);
5. Quaraí (Brasil) a Artigas (Uruguai);
6. Barra do Quaraí (Brasil) a Bella Unión (Uruguai).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)